

o retrato do artista
enquanto foge

poesia completa

2007–2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação-CIP

P626 Pietroforte, Antonio Vicente Seraphim.
O retrato do artista enquanto foge:
poesia completa 2007-2012.
São Paulo: Annablume, 2013.
(Selo Annablume Literária)

334 p.; 14x 23 cm
ISBN 978-85-391-0535-9

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia.
I. Título. II. Poesia Completa de Antonio
Vicente Seraphim Pietroforte.
III. Série. IV. Annablume Literária.

CDU 821.134.3(81)
CDD B869.1

Catalogação elaborada por Ruth Simão Paulino

O RETRATO DO ARTISTA ENQUANTO FOGUE

Projeto, Produção e Capa
Coletivo Gráfico Annablume

Foto da capa
Ana Cristina Joaquim

Conselho editorial
Antonio Vicente Seraphim Pietroforte
Gustavo Bernardo Krause
Moacir Amâncio

1ª edição: 2013

Annablume Literária é uma publicação da
ANNABLUME editora . comunicação
Rua M.M.D.C., 217, Butantã
O5510-021 . São Paulo . SP . Brasil
Tel. E Fax. (5511) 3539-0226 – televidas 3539-0225
www.annablume.com.br

Antonio Vicente
SERAPHIM PIETROFORTE

o retrato do artista
enquanto foge

poesia completa
2007–2012



**Considerações pré-faciais sobre a poesia de
“o retrato do artista enquanto fogue”
de Antonio Vicente Seraphim Pietroforte**

E.M. de Melo e Castro

1.

Esta é uma poesia sexuada, de um modo perigosamente masculino e obsessivo, em vários tons e modos, que não vou descrever nem des-escrever, porque isso é coisa de leitor e aqui o que me interessa não é apenas ler, mas sim, procurar entender o texto no seu contexto e investigar qual é a parte que cabe ao leitor na procura do prazer de que este livro se faz.

Mas afastemos desde já o espectro da “porno-grafia” porque é inadequado e francamente fora de época... uma vez que o que está em jogo é certamente uma mistura quase étnica, uma miscigenação entre esse conteúdo nitidamente erótico (melhor, sexual) e o trabalho efetuado experimentalmente com a língua, esta sendo tanto um instrumento da construção dos poemas, como órgão sensível do

corpo humano, embora pouco nomeado pelo poeta, mas estando muito presente no que no texto se diz. Trata-se portanto de um livro misto que pertence bem a um complexo existencial de um *agora-SãoPaulo-aqui*. Mas também ali, onde as fontes eruditas se misturam nas águas sujas das ruas inundadas de águas-pessoas e de “pés sujos”, sintagma erótico que o autor muito usa... No entanto este livro é essencialmente um trabalho de poesia, com todos os problemas e dificuldades que esse trabalho em si comporta, caracteristicamente escriturais, mas inevitavelmente também conjunturais, perante a a violência e a desumanidade do agora, que é o nosso.

Nos poemas que constituem este retrato de um artista em fuga há sempre (quase sempre?) um nome feminino que se revela ou oculta (como referente circunstancial?) num fato insólito mas esperadamente óbvio, em que o poeta se cristaliza (ou dissolve?) prolongando a obsessão construída pelo autor que usa os seus textos para sustentar a sua natureza tanto de homem como de poeta, em movimento de fuga ou de resistência, porque ambos são espécies em vias de desaparecimento e por isso, em transe e em transição, talvez mesmo em metamorfose.

Dinamismo este que se manifesta pela evolução estilística ao longo das várias partes do livro, sempre em vários graus do experimental problemá-

tico, desde uma exuberância expressiva a uma gradual interiorização manifesta nos vários recursos textuais, até uma pulsão de rigor minimalista dominante nos poemas finais.

Mas não nos precipitemos, correndo atrás *do artista que foge...*

É que a poesia é sempre um lugar de verdade... Não é que na poesia não se digam mentiras... e já dizia Fernando Pessoa, *o poeta é um fingidor...* no entanto, não faz sentido tentar negar o que se diz num poema, porque essa negação logo se transformaria numa outra proposta poética que por sua vez não faria sentido negar...e assim por diante, como se duma fuga se tratasse! Mas de toda esta situação, eventualmente pluricontraditória, resulta que o uso poético da língua é em si próprio único e a sua intervenção na sociedade constitui uma forma de comunicação que não pode ser caracterizada nem definida pelas leis conhecidas da chamada Teoria da Comunicação, pois a especificidade do poético é ser autotélico e uma mentira dita num poema se torna numa outra verdade num outro nível de entendimento e significação.

Recordo um poema do poeta português Adolfo Casais Monteiro (in “Voo sem pássaro dentro”, 1954):

A poesia não é voz – é uma **inflexão**.
Dizer, diz tudo a prosa. No verso
nada se acrescenta a nada, somente
um jeito impalpável dá figura
ao sonho de cada um, expectativa
das formas por achar. **No verso nasce
à palavra uma verdade** que não acha
entre os escombros da prosa o seu caminho.
E aos homens um sentido que não há
nos gestos nem nas coisas

Voo sem pássaro dentro.

Nesta citação o “negrito” é meu, como forma de acentuar a **inflexão**, o caráter único da **verdade** das palavras do poema e do **sentido** que a poesia comunica aos homens.

Esta referência surgiu como inevitável logo desde as primeiras leituras da poesia de António Vicente, porque a natureza da sua fruição se me apresentou com um elevado fator de diferença e de outridade que constitui uma plena realização textual dessa **inflexão** única que Casais Monteiro atribui à poesia, chamando-lhe *vôo sem pássaro dentro*, belíssima metáfora de liberdade.

É assim que a proposta do *retrato do artista enquanto foge*, que vem como título desde o primeiro livro de Antonio Vicente e agora se estende a toda a

poesia reunida até hoje, cria uma indescritível sensação de estranheza porque nos trás sentidos que estando nos gestos e nas coisas do nosso quotidiano, nos dão a energia ambígua da sedução e do precipício que toda a invenção traz consigo, porque nos lança em confronto com o novo que é o que ainda não existe socialmente. Mas é nessa mesma inflexão ou desvio que está o arrepio prazeroso que esta poesia nos oferece e provoca.

Por isso proponho agora uma incursão analítica sobre o título deste livro, não porque é título, mas sim, um índice do seu conteúdo, trazendo uma proposta sedutora de enriquecimento e perspectivação, focando a atenção em **retrato** e no ato de **fugir**.

Perguntemos portanto o que é um retrato e o que é uma fuga.

Retrato – Todos sabemos o que é um retrato e assim nos diz qualquer dicionário: Imagem de uma pessoa (real ou imaginária) reproduzida pelo desenho, pintura ou escultura ou por fotografia analógica ou digital. Mas também reunião descritiva das características psicológicas, morais e sociais de uma pessoa.

Aplicando esta noção simples a um livro de poesia, estamos a atribuir à própria poesia a capacidade de nos dar um entendimento diferente daquele

que as artes da representação visual e os seus processos nos dão. Um retrato feito pela poesia será primeiramente poesia e em segundo lugar a representação de uma pessoa, neste caso o próprio autor? Ou será a invenção de uma personagem que só a poesia poderá fazer e por isso é indissociável das características específicas da poesia?

Fugir – Escapar(-se) desviar(-se) precipitadamente do perigo, de uma pessoa ou de algo ameaçador ou indesejado ou desagradável ou tentador. Existe portanto uma ambiguidade no ato da fuga pois se pode fugir tanto do indesejado como do muito desejado; e a fuga pode resultar tanto de uma tentação irracional da própria fuga como de um ato racional de proteção perante um perigo.

Mas quem foge, foge de quê?
de quem?
porquê?
como?
para onde?

Estas perguntas encontram-se sintetizadas iconicamente no famoso quadro de Marcel Duchamp *Nu descendo uma escada* que com o seu dinamismo, nos dá a precipitação, a ambiguidade e a aflição que uma fuga pode significar.



Marcel Duchamp
Nu descendo uma escada – (1912)

E também, quem foge pode fugir de outrem ou de si próprio, o que no caso da poesia, pode significar que a escrita é uma fuga do poeta perante si próprio ou, mesmo até contraditoriamente, para se esconder no poema de modo que ninguém o possa encontrar. Isto é, criando uma máscara que é uma face fingida... Aqui retornamos a Fernando Pessoa como exemplo superlativo:

“Sentir? Sinta quem lê !” diz no poema *ISTO* de 1933 ...

Ou então o poeta escreve de tal modo que evita as interpretações óbvias criando labirintos de ambiguidades ou de plurissignificações contraditórias...

Mas o poeta pode fugir tanto no espaço, como no tempo. Se foge no espaço, transforma a folha em branco onde o poema se inscreve, numa partitura visual, como fez Mallarmé no seminal *Um Lance de Dados Jamais Abolirá o Acaso* (na tradução genial de Haroldo de Campos, 1975), ou como fazem muitos poetas visuais contemporâneos em diversos suportes. Se foge no tempo, tanto pode procurar recuperar aspectos do passado como pode fugir para o futuro, num movimento simultâneo e não contraditório a que por isso, talvez se possa chamar, sem metáfora, de quântico. Creio que será este o caso da poesia de Antonio Vicente Seraphim Pietroforte.

2.

Logo no início deste texto coloquei perante o leitor uma provocação ao afirmar que nos poemas deste autor se trata da face masculina do desejo sexual, o que constituía um perigo que agora digo tanto simétrico como assimétrico, caso se trate da face feminina, já que essas duas faces não são opostas como as de Janus, mas sim sobrepostas, sendo o perigo resultante dessa simultaneidade problemática (a que poderíamos chamar de experimental) manifestado pela sedução mútua do prazer erótico.

O poeta experimental português Silvestre Pestana fez, numa declaração facilmente encontrável no YouTube, a seguinte colocação (que cito de cor): “Nós não somos experimentais porque fazemos experiências, mas sim porque assumimos um compromisso com a sociedade naquilo que fazemos”. Ao que eu agora especifico que esse compromisso é também de *como fazemos*, sendo esse *como* de natureza problemática, tanto na consideração da verdade, como do sexo, como da escrita, como das fragilidades e nos perigos que o poeta encontra para afirmar o tal novo sentido que ao poema nasce pela mão do poeta (v. Casais Monteiro já citado) novo sentido esse que nos poemas de António Vicente se materializa na escrita semiótica de uma **fuga** realizada de vários modos, alusivos até ao modo musical barroco

polifônico em que os temas são sequenciados em combinações sucessivas.

Tal poesia coloca-se assim problematicamente entre as artes plásticas e as artes sonoras e musicais, combinando-as sinteticamente pelo ato da escrita das palavras e das letras, tanto quanto pelas ambíguas pulsões do desejo assim manifestadas.

Essa simultaneidade experimental está em todos os poemas, do primeiro ao último do livro, mas vai adquirindo renovadas formas e perspectivas, como que realizando as três poéticas *do autor*, *do texto e da leitura*, em existência concomitante no trabalho da poesia, segundo a teoria que já várias vezes expus noutros textos.

Assim nos primeiros livros parece-me predominar a *poética do autor*, mas nos livros ou secções seguintes, onde o teor experimental aumenta, julgo ver a *poética do texto* em posição dominante, enquanto nos poemas mais recentes, colocados na parte final do livro, em que uma maior economia verbal predomina, será o domínio da *poética da leitura*. Questão esta que deve ser aprofundada, considerando cada uma destas três poéticas ainda que abreviadamente.

A *poética do escritor*, ou do autor, é a mais remota e obscura. As razões que levam o autor a escrever o seu texto são fechadas e só acessíveis ao leitor através de hipotéticas tentativas de penetração her-

menêutica naquilo a que muitos chamaram “o mistério da poesia”. Essa poética é muitas vezes, também pouco clara para o próprio autor, no momento mesmo da invenção. De fato não há resposta para a seguinte pergunta: – Por que é que alguém escreve, num dado momento, um poema e não outro? A deriva biográfica, tão cara aos românticos, já sabemos que é uma falácia. A teoria do reflexo (a arte é o reflexo da vida, pessoal ou coletiva e social) proposta pelo realismo, igualmente soçobrou por inadequada à invenção poética.

Resta-nos o simbolismo, cuja natureza é arbitrária, segundo Saussure. Ou as construções labirínticas neobarrocas.

O autor está, então, a sós com os seus ‘fantasmas’ enquanto escreve, mas depois, para os leitores, ele é o ausente... que pode até já ter morrido. Será representado pelos sinais que estão semioticamente em vez de si próprio, ou seja a *sua escrita* e o *seu nome*.

Quanto à *poética do texto, da escrita* ou da escritura, essa, ainda que nem sempre transparente, é mais translúcida, principalmente nos textos ditos experimentais, ou seja, naqueles em que o questionamento dos próprios processos e leis do escrever são o modo como o texto se organiza e materializa em códigos verbais.

Observem-se os vários significantes escriturais, visuais e estruturais em que se materializam os poemas de Antonio Vicente, tais como a releitura, em “Poligonia do soneto” ou em “Cantigas de Amigo”, ou no uso semântico das cores procurando significados sugestivamente originais. E também a recuperação do espaço retangular para a inserção do texto, ao modo das lápides latinas; a fragmentação aliterante dispersa no espaço do suporte; o *enjambement* em estruturas onde o verso não existe; o uso de vários tipos de letra implicando novos significados e sempre a parataxe como sintaxe dominante.

Chegamos agora à *poética da leitura*, aquela em que cada leitor tem que responder por si próprio. É certo que pode haver e há teorias da recepção, mas não é de generalidades que se trata aqui. A poética da leitura é muitas vezes referida ao combate entre o leitor e o texto e, se o autor se debateu com a página em branco no momento da escrita, o leitor, esse, no momento da leitura, debate-se com a página escrita, maculada e carregada de signos, à procura de significados. Poética esta que se transforma numa semiótica, precisamente por isso. O texto é um mar de signos que começam pelo formato e natureza do suporte, folha de papel, livro, jornal, revista, parede, quadro, etc., etc., cada um com as suas cores, aspectos e sensações tácteis e até olfativas. Mas também a mancha impressa, o formato da letra

e outros signos (código gráfico), assim como a língua (código linguístico), com um determinado estilo (código literário), sendo todos circunstâncias signícas que provocam em quem lê o despertar de outros níveis sógnicos, conceptuais, emocionais, ideológicos ou lúdicos, de um modo narrativo ou não narrativo (presentativo), podendo denunciar toda uma diversa estratégia de enunciação que o autor dá aos seus desconhecidos leitores, como indicadores e operadores da leitura.

Mas, embora estas três poéticas funcionem como se fossem um todo, existe sempre um distanciamento recíproco, porque enquanto o autor é apenas um índice distante, o texto, esse, é uma fonte presente e dinâmica de signos que são ‘representamen’ de vária natureza; mas o leitor é um ser que produz signos interpretantes (na terminologia conceptual de Charles Sanders Peirce). O leitor, esse, é o motor das vidas múltiplas dos textos. Em *Le plaisir du texte*, 1973, Roland Barthes, escreve:

“Se leio com prazer esta frase, esta história ou esta palavra, é porque todas foram escritas no prazer (este prazer não entra em contradição com os lamentos do escritor). Mas o escrever com prazer garantir-me-á – a mim, escritor – o prazer do meu leitor? De modo nenhum. Esse leitor, é necessário que eu o procure, (que eu o ‘engate’), sem saber onde está. Cria-se então um espaço de fruição.

Não é a ‘pessoa’ do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do fruir: que os dados não estejam lançados, que exista um jogo.”
(trad. E.M.M.C.)

Uma leitura é um salto sempre em aberto e sem rede.

3.

Voltemos então ao começo, mas agora através de poemas exemplificativos, porque na poesia de Antonio Vicente Seraphim Pietroforte se realizam várias e diferentes fugas, como as temporais tanto para o Passado como para o Futuro, muitas vezes simultâneas até no mesmo poema.

Alguns exemplos:

Exemplo 1

Poema mínimo; economia verbal. Fuga para um espaço ausente talvez virtual

um _____ cacto
apto para teu cabelo
_____ fátuo

Exemplo 2

Soneto neobarroco, transgressivo na métrica e no esquema rímico. Releitura ou desleitura? Fuga do texto para o texto?

o sopro sombrio que assolava sua casa...

a brisa maneira da vizinha
parecem duas peras os seios plenos da menina
parece visita

sem demora
vai te contar histórias
muitas são ainda melhores do que se imagina
o ditador mutante e a concubina

muda de rosto de repente
muda de voz
então suspira

a perna dura do soldado
antirradioativa
e a bailarina em chamas, pira

Exemplo 3

Uso das cores com intenção semântica. Poética do texto.

lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena

Exemplo 5

Fuga musical, a dança, a sedução, o movimento, a troca: sempre pelas palavras condensadas, para a mais intensa comunicação lúdica... retorno à poética da leitura

QUADRILHA

os ás e os ós

para te comover

porque assim se insinua pelo ouvido

porque assim se foge

às vezes valsa

às vezes fole

para sempre

troca

Exemplo 6

Retorno à poética do autor. Será uma face do retrato para terminar o livro?

Ur

fosse urro

único apelo que ecoa

escuta o ruído quase mudo

não fosse fluxo

foz

rosa que me orienta

ajuda que não se recusa com facilidade

observa a Lua quando desvia a luz que veio do espaço

a cor cai do céu como se fosse chuva

onda difícil de verificar

mato

aquela que me delicia

preciso mesmo disso tudo para me entusiasmar

Nota: estes seis exemplos não são mais do que exemplos da realização poética de Antonio Vicente Seraphim Pietroforte, assim como de alguns dos conceitos teóricos expostos anteriormente neste prefácio e que me parece estarem presentes nos muitos e diversos poemas que constituem este livro. Por isso não devem ser tomados como opções estéticas ou qualitativas. Outras características escriturais ou conceptuais poderão e certamente serão consideradas como mais importantes por outros leitores.

P.S.

O prefácio pertence a um sistema de gêneros mal definido. Recordo a velha e conhecida anedota segundo a qual um prefácio é um texto de extensão variável que é escrito depois da obra a que se refere, para ser colocado no livro antes da obra, e que não será lido pela maioria dos leitores dessa obra...

O prefácio é portanto uma inutilidade que só serve para aumentar a confusão, principalmente quando não for lido por ninguém ... ou quando for lido casualmente por alguém, que não seja o autor do livro, esperando uma elucidação à cerca do que talvez depois lerá (ou não) na obra propriamente dita...

Assim o prefácio talvez seja, ou venha a ser, o único gênero literário a sobreviver à tão anunciada e desejada extinção da Literatura... principalmente da POESIA que exige uma maior preparação e até esforço do leitor, do que qualquer outro gênero, exce- tuando evidentemente os livros de auto ajuda, de jardinagem, de culinária ou de intrigas mais ou menos romanceadas... que esses *best sellers* são seguramente eternos.

Ora a POESIA há muito que deixou de ser sobre flores, sobre intrigas ou sobre soluções infalí- veis para problemas insolúveis, etc., etc.. o que fa- cilmente se perceberá pela leitura do presente livro

de poemas e do respectivo prefácio que para ele gostosamente escrevi e que espero que seja igualmente fruído tanto por quem ainda lê poesia como por quem venha a ter a curiosidade de saber como é o retrato da poesia neste nosso contraditório tempo contemporâneo. Porque afinal o mundo pode ser dividido assimetricamente, entre os que gostam de ler poesia e os que não gostam!

Mas é precisamente aos que não gostam de ler Poesia que este meu prefácio é dedicado!... esperando que o Autor do livro me acompanhe neste meu gesto generoso!...

São Paulo, abril de 2013

o retrato do artista
enquanto foge

(2007)

livro aberto
na quietude da noite
um resgate

o que te apetece, Balzac?
na descrição da forma mais
bonita, você se perde entre
o desenho e o fato; e agora
Glauco, na hora de fazer
mais um soneto, qual a parte
do corpo que você escolhe?
a tinta da melancolia
te entrega uns braços, a veia
do poeta negro se toca
quando fica duro; palmeira,
a menina loira desmaia
sobre a mata, a pata da
donzela ciumenta te
consome como te consome
o pulso machucado; muitas
putas para Henry Miller, para
Jean Genet, travestis; soldados
como na Ilíada, Aquiles
e Pátroclo; continua a
saga no drama, na Comédia,
há sempre uma mulher que te abre
o Céu como se abrisse as pernas

permita que te amarre as pernas, Eva
abertas, nos cantos da cama, clama
pela noite adentro, Isis, faz fluir
o Nilo sobre a Babilônia, Hera

transforma a ninfa que repete a Eco
reza, pede a Santa Lúcia que se
faça luz dentro do quarto, Medusa
paralisa meu membro como pedra

que já fica duro, Flora, espinho
da rosa feito imagem de Maria
Circe, me transforma em porco, Obá

se resolve na lama, na sujeira
escuta o amor de Deus como Joana
D'Arc soube, acesa na fogueira

ana rra dor ana entrada da Alcova
si nis tra

separa assílabas da palavra euforia:

órgão no por tão da putaria
até como foderolivroensina

é o prazer do chocolate
o gosto fica mais intenso
quanto mais a língua se acostuma ao tato

é o aperto do peido
pronto pra estourar o saco
na comida de rabo

está parado em frente ao Elevado
na Amaral Gurgel

toma cuidado
o emplasto que segura o saco
o talco no lugar da flor

puro mistral
desceu pelo nariz nervoso

havia um sex shop ali ano passado

beleza
há um pôster de mulher pelada
imenso
em cada prédio

dureza
fingir indiferença à mendiga suja
o pé descalço
a coxa dura
a curva da cintura
no vestido dado

vazio?

por que duas lésbicas precisariam
de um pinto de borracha
para completar o trio?

atravessa o inferno a procurar por ela
pronto pra virar poeta

fala sério!
será que vale a pena?

vale
se o teor da erva é boa
se o travesseiro dela
tem recheio de macela
do campo
como flor aberta

atravessa os oceanos
no navio imundo
trancado no porão
fera

estranho na cidade grande
não deixa pedra sobre pedra
macaco
feito King Kong
queda

asfalto ao meio dia cinza

agreste

o centro de São Paulo sob o Trópico de Capricórnio

a Catedral da Sé

o Largo de São Bento e a Liberdade

garganta seca

o homem na multidão faz o deserto

imenso

olho seco

espinho

cigarro de maconha aceso

no prédio do arquiteto comunista

a alça da mira está em toda parte

os fuzis e as metralhadores em ação no Brasil

cover do Zappa no Café Piu-Piu

a namorada sado

Mafu visita a Liberdade

o iokai das drogas tem poderes

fumaça!

surge uma neblina imensa pela madrugada

farinha!

neva cocaína na cidade de São Paulo

um oriki para Mafu na página do livro!

uma pala

o poeta gago

anuncia

as curvas do decote

doces

a cadela de Roma vende bala no farol de trânsito

te assaltará de noite

feito coruja

mimetizada na fumaça preta

borboleta escura

como te comove a menina

garça negra sobre a perna reta

o pé descalço rente ao asfalto turvo?

desespera pela Roma Negra

o coliseu noturno

frutifica

semente

no asfalto duro

renuncia a teu reino agora
como Ibrahim Bin Adham renuncia

quem passeia pelo teto há horas
como Isadora Duncan passearia
a procurar camelos?

) o amor a poucos passos dos amantes (

ainda cedo já te via solta
a levantar da cama indecorosa

guizo ao tornozelo preso
sino no pescoço vaca
e o universo gira ao redor da Terra

como antes

Bin Laden atravessa São Paulo
na garupa da motocicleta

seu rosto figura como Cristo na imagem
borrada, necessita tempo
para ser o árabe

o que dirá o maníaco homicida
inimigo da democracia
ao motociclista?

qual será o alvo do profeta?

a guerra se entrega ao longo da avenida
feito gasolina
alimenta o tronco proletário

a história do capitalismo
depende do petróleo
depende da maçonaria
depende do Unabomber e do motociclista

um namoro sob o planetário
no Parque do Carmo sob a luz
da Lua lunático sob a
luz da vela acesa ao sair
de casa preparado

cuidado
porque fica fácil sob a luz
da Lua porque sob a luz da
vela fica dócil e antes mesmo
que você diga Aushwitz o
poema surge

um hino para Medusa
quase uma cantada

cuidado que a Medusa
só pode ser tocada
na fotografia

proibida
a face mais bonita
fica interdita

te transforma em pedra ainda
a medusa viciada

te pretere com uma menina
mesmo se a tivesse
morreria

para Gia Carangi

conhecer a flor
dissecada na
biologia, nas
vitrines da flor-
icultura, ar-
quitetura da
florista louca, na
mão sustenta o ra-
mo da papoula, es-
cuta o apelo do
poeta novo

pó
para a poetisa
dos infernos, pó
para esticar na pá-
gina do livro, para
varar a noite a-
dentro e germinar
no verso do po-
eta bêbado

um grupo um
no subsolo do masp

marcha sobre a
cidade a criatura

viva

habita
numa imitação sonora

básica
do dinossauro sólido

monstro
corre pela fita magnética

derruba os prédios
qual cortina aberta
resultado do encontro
raro

um

sentimento pleno
de um

artefato prático

*para Zé Eduardo Nazário
e Lelo Nazário*

semper ipsa quando alia

Klaw

o senhor do som

[B(2)/10-0.75-K.78]-P(2)-[0(4)/8-0.75-K77]

sem nexo

quanto Mobile/Stabile

e a adorável fala

da Regina Porto

para Lelo Nazário

América L

América

sinal

extremo

L

nexo

da letra

L

incide intensamente

I

no lago do papel

um traço

forma de dueto

americano lapso

Nossa Senhora Desatadora de Nós
intervenha

o Sol
brilhando
sobre o
arrozal

permita

amarrada
como você gosta

fica

primeiro salmo para Marília

a palavra cachorra não morde
a palavra tortura machuca

cada T parece outra volta
na engrenagem do leito de Procusto

a palavra amarrada segura

m
som que a boca calada
pronuncia

A
como acorda sua menina

segundo salmo para Marília

o papel de arroz embrulha o corpo dela
estilete
corte mais do que navalha
caravela
cometa que não sabe de nada
interna

o corte onde fica escondido
na coxa
escolheu o cabo cor de rosa
combina
filha da puta
é por isso?

terceiro salmo para Marília

de tanto esconder 50 gramas na calcinha
na confusão, me deixa alucinado
não sei se quando chupo sua boceta fico louco
ou se fico com tesão
quando fumo um baseado

maconha, chá de erva doce
devolvam senso e sanidade
ao louco, que já faz um ano,
http //
o canto da sereia que
se torna imagem, ww
w. subgirl .
com / ela entra em sua vida

para sempre, Molly com dois
ll's; parecem duas barras
de cadeia; o holandês
voador navega – fantasma
pálido – em guarda frente ao
riso dela; ela sorrindo
quando pisa em pedras, descalça,
a musa se descalça na Internet

mostra as pernas; a saia justa
mostra sua bunda; o pé sujo
pela escada afora; vai dar
na calçada da fama em Holly
wood; se fura no alfinete
agudo, se amarra n'agulha
fina; ilude; mente pela
rede a fora, se é que existe Molly

o brilho da água se recorta
no voo do inseto

o Buda sentado alucina
esmeralda incrustada no olho de vidro
a loucura do fungo
nos night clubs em Nagasaki
pássaro feito de plástico
tão bonito que parece de verdade

minha doce emoção

se desgasta no excesso da palavra
o brilho da água
já não diz mais nada

mas soluça a água salgada do teu olho falho
grita na garganta, mais viscosa
só me diz a água
que do teu olho vaza
lacrimosa
neblina produto da fumaça
zebra riscada com chicote

o Buda toca uma punheta, e goza
) mas (sob o céu da Pérsia
no bico do Simorg
ela é minha de verdade

a capa preta

) para chuva (

nudista

nada por baixo, para ver

) ? (

há tudo

molhada

a céu aberto

nuvem

de fumaça preta

acaso

só pode ser a causa
a chuva

silêncio

(em torno do seu passo estreito

) abaixo das canelas – nua – (

a caravela escura

do holandês maluco)

Marília exibicionista

μέλος

da lírica e do lírio

lira

da corista grega

japonesa & hania
testaboceta

huan



flui chinesa

no hexagrama

uma flor

para a namorada atenta

eterna como nosso amor

durará o tempo do planeta

viva

quando imita a forma

a pulsação do plástico

sob a flor

do latim *fellare*
mamar, chupar
no /a/
a vogal é longa
aa

megafone na boca da cantora

– a gula do peru perante a faca –

ainda resta a mão a segurar o saco

o verbo a boca o tronco
da sequóia

o céu da boca
no trombone raro

no estrangulamento do caralho
grito mudo em porra

jato

de porra ao léu na boca da cantora

Marília em felação

adoro comer uma rosquinha
melhor ainda quando o doce é grande
em forma de botão de rosa, no
meio, quase nada, só buraco
recheio, tem por dentro marshmallow
por fora, sua cobertura é chocolate

mas prefiro comer o seu cuzinho
ele é redondo, feito doce, no
meio, delícia de buraco
aperta meu caralho com mal trato
no fim, guarda consigo o creme branco
lácteo, às vezes faz lembrar
chocolate

um anal para Marília

T

tentativa

gótica
) parece (

ball gag

beijo congelado

beijo

frio

rosa congelada

a boca a boca a boca

*handcuffs ankle
cuffs*

réquiem

a pera de angústia

fruta

Marília masoquista

arrepio

sopro

espinhadorso

úvula

instantaneamente

curra

ocê por um momento

sóbria

ocê por um momento

sobre

o monstro do arrepio

coxa

o mastro do navio

vento

Marília por cima

shortsvermelho
rectus
vermelhovermelho
procto
vermelhovermelho
zen
o voo da garça
zen
o voo da garça
ergo
sem dramasemdrama
erectus
malae tenebrae
Orci
rubent rubent
como
se trata do *corpus*
como
se trata do *animus*
incógnito
trata-se da *mens*
lubrax
trata-se do *noúis*

outro anal para Marília

a camiseta preta escrito punk
os pés o anel a perna o braço punk
a pele a atitude punk sobre
a pele branca branca branca branca
o traço branco do desenho branco
o risco a barra a camiseta preta
a faca a faca a faca a faca a faca
o V a coxa o J o seio o cabo
a camiseta a perna escrito punk
a coxa os pés os tornozelos pulsos
o corte a coxa o corte rubro punk
a atitude rubra sobre a pele
rubra o pulso os tornozelos rubros
os pés a perna a camiseta punk

Marília quando se corta

a trança negra o nó a trama o nó em
rabo de cavalo a trança segura
pelo cabo faz girar tua cabeça
a trança negra o rabo de cavalo
silvo do pássaro mágico de Vishnu
a casa é do macaco trágico no
inferno cúbico grito outro silvo
do pássaro mágico de Vishnu outro
risco no dorso no rabo no apelo
da macaca ávida transita pelos
silvos do pássaro mágico de Vishnu

Marília chicoteada

spanking

) tinta do pintor no corpo (

dripping

) arte de torcer a carne em corte

em dor

movimento brusco do (

spanking

all over branco cor de rosa

all over vermelho cor de cravo

all over rubro lilás roxo

dripping

) só é figurativo o corpo (

spanking Marília

cidade
grande

uma dama
sub
missa
uma dama

prata
prata

quadra de rua
para o poeta
perverso a
olhar pra baixo

no orvalho da manhã
suja e fresca
Marília e o asfalto

flores
de ameixa

o Sol
sub me-
te
o Sol

morro
morro

um renga para Marília

há-sha-mý-im meh-as-peh-rim ka-vóhd Káil

) um salmo mínimo
para que a amada fique transformada (

ba-tóf u-ma-chói
ba-mi-nim va-u-gáv
ba-tzil-tz-láy sha-máh
ba-tzil-tz-láy ta-ru-áh

) inesperado esse salmo
parece que não muda nada (
aparece sempre transformado (

hal-le-lú-hu ba-tóf u-ma-chói
hal-le-lú-hu ba-mi-nim va-u-gáv
hal-le-lú-hu ba-tzil-tz-láy sha-máh
hal-le-lú-hu ba-tzil-tz-láy ta-ru-áh

ninguém repara, amada
você não leva nada
em uma noite escura

quem sabe alguma prece rara, súcubo
a vespa logo vai bater as asas
com ânsias, em amores inflamada

decotada, a Vênus
indecente, desfruta
ó ditosa ventura!

a sensação do tato
sob os pés, prece rara
– saí sem ser notada

o chão é caramelo puro, gata
sussurra pela noite escura, fada
estando minha casa sossegada

toda saga de família é falsa
na família, só a tia masoquista
espreita

livro não pode
impressiona a gente
ler não é bem uma coisa de homem

dinheiro serve para o lanche
na hora do recreio

olha a trapaça
livro escondido no casaco
como se já fosse droga

come o livro
já te dei dinheiro
come o livro feito traça

um retrato do artista enquanto foge
paralisado no retrato enquanto
no retrato a voz macia macia
um retrato do artista enquanto fuma
evitará os males entendidos
enquanto fuma enquanto olha para
baixo o retrato do artista enquanto
fode a figura de você descalça
exposta a tara antes do retrato
exposição do artista enquanto foge

livro aberto
na quietude da tarde
um sequestro

– O verso *Apressa-te a renunciar a teu reino, como Ibrahim Bin Adbam renuncia* é do poema *Ibrahim Bin Adbam e seu amor pela música*, do Masnavi, de Jalaluddin Rumi.

– *Marcha sobre a cidade* é o título do primeiro disco do Grupo Um e de uma composição de Lelo Nazário.

– Klaw, o senhor do som, é um dos inimigos do Quarteto Fantástico, da Marvel Comics. [B(2)/10-0.75-K.78]-P(2)-[0(4)/8-0.75-K77] e *Mobile/Stabile* são títulos de composições de Lelo Nazário.

– *América L* é o título de uma composição de Lelo Nazário. *Reflexões sobre a crise do desejo* é o título do segundo disco do Grupo Um.

– Os versos em hebraico são citações dos cantos de *Tehillim*, de Steve Reich, inspirados nos Salmos de Davi.

há-sha-mý-im meh-as-peh-rim ka-vóhd Káil

Os céus declaram a glória de Deus

hal-le-lú-hu ba-tóf u-ma-chói

Aleluia com tambores e danças

hal-le-lú-hu ba-mi-nim va-u-gáv

Aleluia com cordas e sopros

hal-le-lú-hu ba-tzil-tz-láy sha-máh

Aleluia ao som dos címbalos

hal-le-lú-hu ba-tzil-tz-láy ta-ru-áh

Aleluia ao som metálico dos címbalos

– Os versos *Em uma noite escura / com ânsias, em amores inflama-da / ó ditosa ventura! / – saí sem ser notada / estando minha casa sossegada* são de poema *Noite Escura*, de São João da Cruz.

palavra quase muro

(2008)

aparato estranho

delinquir
explode na língua
o /e/ fechado
o /i/

)delinquente(

te quebro a cara
te quebro os dentes

para Del Candeias

chupa meu pau Sulamita
fica de quatro Margarete
repete que sou o dono
uma de cada vez
Margarete Sulamita
duas de uma só vez
Sulamita Margarete

quando chega a primavera
Margarete Sulamita
Sulamita Margarete
dois beijos duas damas
duas de uma só vez

a mulher e sua gaiola
isenta de seu vestido
o ferro torcido, a rosa
agora é ferro torcido

em grades, quadrados, riscos
jaula de ferro fechada
nua, em sua gaiola
uma mulher enjaulada

desfruta, como ave rara
os oito cantos do cubo
as seis paredes do espaço
das grades, como machuca

o canto estreito da nuca
altiva, cabeça baixa
abraça as pernas cruzadas
o frio do ferro abraço

A noite dava com mil luas.
O frio,
inverno em meio a julho
no hemisfério sul.
Na cidade de São Paulo, chuva,
o Vale do Anhangabaú,
e sobre o vale
o Viaduto do Chá.
Toda noite a Lua sobe
diferente,
a mesma face sempre variada,
lenta e exata;
noite após noite,
satélite,
começou a intrigar-me
“Desce!
Chega de brilhar!
Você aí, flanadora,
e eu aqui, a inventar
histórias”
“Espera!
Desce aqui para fumar maconha”
e a Lua desceu
na mesma hora.

Fumou e revelou-se em partes
para uma noite a blusa,
em outra noite,
as meias e os sapatos.
“Você pensa
que brilhar assim
é fácil?”
diz a Lua a passear
descalça
sobre o meu telhado.
Tão fácil como viajar no espaço
através do céu nublado.
Brilhar escondida
nas salas,
brilhar para ser vista
no desejo explícito
sobre o asfalto sujo e
a praça.
Quem há da dizer?
“Brilhar com formosura!”
diz a Lua, encantada,
tanto faz o
quarto.

pense no aparato estranho para dar um trato

às vezes um pedaço de corda

uma algema

às vezes um botão

às vezes um rato

o chão assoma como uma avalanche

rápido

o ato repetido perde a graça

fale

tomar o céu de assalto

alto

Te agrada a probabilidade, Nice,
o dado, o lance, o hábito da trova,
a solução retórica que insiste
serenamente, vã, aleatória?
Manobra, Nice, a confusão da
elipse, sugere a submissão da
musa, escolhe a foto na internet
pronta pra ficar disposta a noite
toda. Devota, faz da coisa um culto,
experimenta todos os decotes,
a saia curta e os cabelos curtos.

Dados, Nice; evita-se a mesmice
se você se atreve... A carta nova
muda... Perdida!... Você mesma disse
que valia agora. Nice, a corda
feito cobra a se enrolar no chão da
sala, a promessa pelo vão da
prosa, você se livra do decote
ou se descalça, a escolher a parte
que você mais gosta. Batom escuro,
seio rosa ou unha com esmalte,
a saia curta e os cabelos curtos.

Um lance de dados, Nice, e foi-se
o tempo em que você ganhava. Chora!

Melhor seria se não se vestisse...
A roupa, fácil, vai-se sem demora...

Castigos, Nice! Confirmação da
outra face dada na inversão da
foda que você faria. Chicote,
senhora das agulhas e dos cortes,
hoje sobre as suas costas. É justo,
amarrados pulsos, mas'inda veste
a saia curta e os cabelos curtos.

Outra derrota, Nice, não desiste,
quem sabe dessa vez?... Outra derrota.
Em dívida outra vez? Reclama, cisne,
protesta contra a sorte, canta, cora.

Lenço de veludo, dicção da
trova interrompida, invasão da
boca cor de rosa. Indiferente?
Os pés descalços, no tapete, rentes...
Os tornozelos amarrados juntos...
Encanta, Nice, a trazer somente
a saia curta e os cabelos curtos.

Sossega, Nice, antes insistisse
em terminar o jogo antes da hora:
as águas rolam dos seus olhos tristes,
a brasa acesa há de queimar as solas
dos seus pés, expostas; fricção das
franjas dos chicotes, criação das
mentes perturbadas. Ainda é noite,
Nice... Calma... O tempo do açoite
passa diferente... O toque agudo,
a pele machucada docemente,
a saia curta e os cabelos curtos.

Fica indignada, Nice, resiste;
finge que você não gosta, consente;
a dona escrava, meu caralho duro,
a pele avermelhada pulsa, freme
a saia curta e os cabelos curtos.

todo dia a mesma tarde
nenhuma surpresa
na hora da ladeira imensa
terça feira no final da tarde;
hoje, uma surpresa
na flor da idade
uma mocinha parada
como se esperasse...
estátua nova, nubente
violentamente fixada;
o cabelo em desalinho, virada a cara,
o braço vira asa de vaso na cintura
– os pulsos nus, a perna inteira nua –
o pé descalço no balé moderno

letra K

uma mocinha parada na calçada

a linha corre na geometria da pose

a perna em L

o pé na base da letra

suporta a linha reta, a curva da cintura

a tarde e os cabelos, na altura dos ombros

o braço para o alto

Voa

parada de pé

no chão

e entre a calçada

Nada

panorama da janela acima
vizinha

da camiseta cavada
mesmo no dia frio

mulher da cintura pra cima

divisa da janela abaixo
sozinha

as pernas cruzadas no sofá
me ditam

mulher da cintura pra baixo

ela quando se corta
quando se coloca inteira

gaivota que caiu no mato
pelicano bico

cada corte dá figura a um lábio
uma boca
para cada lado que se olha

branca rosa bem vermelha
) no escuro o sangue fica preto
o vermelho turvo (

boca lábio escuridão bocetas

OXIH OIIOI OI OXIH OI OXIH OI OXIH OI OXIH OI OXIH OI
OXIH OI OXIH OI OXIH OI OXIH OI OXIH OI OXIH OI OXIH OI
OXIH OI OXIH OI OXIH OI OXIH OI OXIH OI OXIH OI OXIH OI
OXIH OI OXIH OI OXIH OI OXIH OI OXIH OI OXIH OI OXIH OI
OXIH OI OXIH OI OXIH OI OXIH OI OXIH OI OXIH OI OXIH OI

**um ósculo obtuso
dado de outro lado**

**escuso
durará enquanto o vento dura**

**em quanto vento cabe
no espaço agudo
de um lábio
escuso**

u m b e i j o v i s c o s o

m a r c a d e b o c a á v i d a

b e i j o d e l á b i o t r a n s v e r s a l c a r n u d o

s u d á r i o d o d e m ô n i o m u d o g u a r d a d o n a b o c e t a

m a r c a d e b o c e t a s u a r e n t a

n o s u d á r i o a b e r t o

a b a i x o d o s p e n t e l h o s

vamos contar os dias, Contador
vamos fazer orgias no centro da cidade
você declama poesia para as putas
eu acendo a brasa dos cigarros

fabula a peça de teatro
traduz outra novela do Marquês de Sade
Santa Tereza, Augusto
e a mocinha esperta do centro da cidade

para Augusto Contador Borges

a ira, Deusa, celebra do
movimento tenso
o espaço vago entre um prato

tapa

CRava a ponta do dedo me**X**e

celebra

o limite do braço

CRASH

o movimento do rosto

pang pang pang

tomba

tonto no tan tan maneiro
transe no tan tan maluco
fera há de passar na Terra
pra te ouvir

BUM

descarrega a Ira
tronco da sequoia

VarA

para Zé Eduardo Nazário

poligonia do soneto
para E M de Melo e Castro

névoa... essa fumaça... num papel
de seda, a língua da musa cola...
aperta... finge que já vai embora...
a fumaça... a musa... o papel...

fumemos, minha doce amiga... eu
numa ponta, você na outra... tira
as meias e os sapatos... traga... vira
de lado... mente... finge que esqueceu...

uma embriagues me fez arauto... uma
lucidez... fumaça, musa, papel...
seu pé descalço... seu cabelo-bruma...

parceira, vai mostrar estrelas... céu...
os recifes, as ondas, as espumas...
o verde-erva... branco do papel...

poligonia do soneto I

quem diz que a droga mata anda errado
tampouco, acerta aquele que comenta
“usuário dá dinheiro a traficante,
promove, com seu vício, a violência”

prefiro dar dinheiro pra bandido
que vende, honestamente, seu produto
se pago imposto, não recebo nada,
sustento deputado vagabundo

violenta é a fala da polícia,
que fuça, no meu bolso, feito rato,
aumenta, com propina, seu salário;

a erva que se fuma só acalma,
trabalho mata mais do que cigarro,
por isso que eu fumo pra caralho!

poligonia do soneto III

o menino pequeno de capacete preto
um capacete preto de motociclista
mal cabe na cabeça dele
e cabe

parado de capacete preto
no meio da rua o menino impõe respeito
a cabeça é de robô
no capacete preto
o olho mecânico admira o resto

biônico, vai dominar a rua
o ciborgue de cérebro eletrônico
vai calcular a fórmula do mundo

tudo isso no capacete preto
além da gramática e das namoradas

poligonia do soneto VI

o que é a vida? a morte? o
terror invadirá, leitor, sua
mente

incauta
te fará incoerente
te tornará farrapo desumano

delira
o terror nos olhos do
outro te excita? o pau já sente
duro ao encarar o inferno? demente
escreve um monte de bobagem no

papel em branco
não corta mais as
unhas as barbas os cabelos
não
entende nada além do desespero

promete àquela puta que serás
estrela tira a roupa
dela mão
no sutiã no dia do enterro

poligonia do soneto V
para Zé do Caixão

olho de corvo pelo chão da sala
na procura de algo curioso
sobre a pluma do tapete persa
detalhe pala do olhar diverso
porque tanta atenção na pluma clara
a parte inferior do porte airoso
dez gomas de morango duas asas
barra da calça antes do tornozelo
bala de mel cabelo cacho de
colmeia olho cor de mel e leite
batido com groselha nos cabelos
a nata do tapete persa de
desenho raro voo no tapete
mágico soa pela pluma pleno

do fundo da bunda abruma
no oco do cu deleite
na boca trinta e dois dentes
a Lua a Lua a Lua

inseto, vou comer sua cabeça agora
coruja, pia intensa pela madrugada
a hora que te conheci
filha da puta filha da puta

maré cheia
água
meio vermelha meio salitrosa

meio podre essa
água
salitrosa

poligonia do soneto VIII

o sopro sombrio que assolava sua casa...

a brisa maneira da vizinha
parecem duas peras os seios plenos da menina
parece visita

sem demora
vai te contar histórias
muitas são ainda melhores do que se imagina
o ditador mutante e a concubina

muda de rosto de repente
muda de voz
então suspira

a perna dura do soldado
antirradioativa
e a bailarina em chamas, pira

poligonia do soneto IX

novena

varṇa

que significa casta
também significa cor

só para os Devas

– poeta –

no tempo em que os poetas dominaram o mundo

eu canto Agni

cume e caminho

magnífico Agni

voz do sacrifício

a desfaçatez da casta

ou a saudade dos poetas de hoje

do tempo em que os poetas dominaram o mundo?

irmão Fogo

brasa do cigarro acesa

asa do carvão

sopro do carvão ao vento
na fumaça preta

irmão Bomba

a explosão de fato

plasma
no espaço cósmico

qual será o pássaro do ramo?
que animal da arca
que carrega o fardo
irmão Fogo?

irmã Lama

servirá para delicadeza
do andar de santa

a menina às avessas
afeita a só usar vestido
saias de seda e renda
de andar descalça
e de cabelo solto

irmã Planta

em movimento curvo
no passeio úmido

não sou afeito à poesia extática

não consigo fruir dos seus efeitos
quem sabe é um defeito meu

só não esqueço do sexo
quando escrevo

fico desatento
me perco

a erva doce bruma
cabelo do dragão vermelho
engole planeta por planeta

os anéis de gelo
magnitude dos buracos luminosos
e dos buracos negros

Purusha
desce pela madrugada
no jardim suspenso
a acácia enamorada já machuca o cravo
ávido da sinfonia dos canários
dos sapos e dos mochos

como fica, Cristo,
o romano
que te mete a vara?

não fica

) ressuscitar alguém não basta?
o pão? o peixe? o vinho?
os cabelos d'Ela? (

Roma passa
como passa
a imagem do sudário

até você, feito cachorro
passa

sobre tudo isso
fico
maldito
como sempre
Cristo

irmão Noite

que já tece a calma

irmã Lua

reclama

a noite alta que te põe em sobre

salto

irmão Muro

irmã Pura

o verso mais antigo do planeta soa

a taturana branca

e

o nariz nervoso

irmã Erva
a pesar dos tiros da polícia
nos salve desse mal estar
da civilização falida

irmã Água
que permite a vista

não é terra, é sal
no azulejo incerto da piscina

sua perna sempre em movimento
seu olhar de plástico

eu navio atrás
como quem busca peixes

enquanto você fala
por debaixo d'água

pelos seus joelhos
irmã Água
irmã Água

irmã Cinza
não significa morte
irmã Morte

irmã Cinza só será complexa
) cor da nuvem chumbo sobre o dia frio (
no skunk verde
no haxixe preto
na tulipa cinza

concretos &
delirantes

(2008)

concretos

a flor

celebra a deusa de todas as plantas ilumina

de vez minha cabeça tonta não peço às musas que me

deem ideias peço a ti no fumar da tora feita das

folhas a que chamam ervas germina no meu peito

Flora

Flora

germina no meu peito folhas a que chamam ervas

feitas no fumar da tora peço a ti deem ideias que

não peço às musas minha cabeça tonta ilumina de

vez as plantas de todas as deusas celebra Flora

a flor

incolores ideias verdes dormem

furiosamente verdes

furiosamente incolores

furiosamente verdes dormem

incolores

furiosamente ideias

para a frase-verso de Noam Chomsky

colorless green ideas sleep furiously

furiously sleep ideas green colorless

uiva depende do ponto de vista
pala depende do ponto de vista
mala depende do ponto de vista
ruiva depende do ponto de vista

rusa depende do ponto de vista
vaca depende do ponto de vista
prana depende do ponto de vista
uma depende do ponto de vista

depende do ponto de vista soco
depende do ponto de vista muco
depende do ponto de vista putu

depende do ponto de vista visgo
depende do ponto de vista tudo
tudo depende do ponto de vista

um sorriso para Saussure
nos anagramas

no barulho das pistolas
e dos tiroteios

o cientista louco da linguagem

o curso
a dama
desafiam Saussure para um duelo

no regime noturno
das entranhas
e das bebedeiras

Mobile/Stabile

cristalizada sobre a
fita magnética

será sempre a mesma música
tecnicamente fixada

eletrônica
resistirá ao tempo
única sobra

movimento
do aporte humano
sobre a sobra?

manobra retórica
Stabile/Mobile
ao inverso

para Lelo Nazário

o homem de Wolfsburg

o homem dos lobos e os lobisomens

uiva pelo clarinete

o _____
do homem

tecla do clarone

tecla do piano de cauda preparado
do piano de cauda preparado
piano de cauda preparado
de cauda preparado
cauda preparado
preparado?

) calda da menina ao lado?

ainda bem que não falta flauta no pedaço (

para Felix Wagner

um _____ cacto
apto para teu cabelo
_____ fátuo

basta ser seco
pode ser terra
) pedra seixo
 caco de vidro? (
pode ser asfalto duro

dura para atravessar a rua
o asfalto sujo
o chão do estacionamento

trilhos dos trens desativados
) trilho certo para atar a moça para o trem errante (
aos pés da serra alta

uma única mocinha
 _____ rio grande na serra _____
um projeto sob o Sol ardente

trilho quente
 asfalto quente

o asfalto o trilho sujo o chão do estacionamento
o asfalto o trilho sujo o chão do estacionamento
o asfalto o trilho sujo o chão do estacionamento
o asfalto o trilho sujo o chão do estacionamento
o asfalto o trilho sujo o chão do estacionamento
o asfalto o trilho sujo o chão do estacionamento
o asfalto o trilho sujo o chão do estacionamento
o asfalto o trilho sujo o chão do estacionamento

no jardim de pedra
do poeta zen as ervas
plena primavera

fumaça como nuvens
a chuva da fumaça nuvem faz crescer as ervas

o

S

serpente do poeta zen
insiste que se faça nelas

serVas serVas serVas serVas serVas serVas serVas
serVas serVas serVas serVas serVas serVas serVas
serVas serVas serVas serVas serVas serVas serVas
serVas serVas serVas serVas serVas serVas serVas
serVas serVas serVas serVas serVas serVas serVas
serVas serVas serVas serVas serVas serVas serVas

para Pedro Xisto

ei-la

**crucificada
no papel**

à beira de um colapso

despojada de tudo

ela

na noite nua

sobre a cruz

desmembrada no



flux

para Augusto de Campos

marília **insiste** em ser digital
distende para pose na fotografia

depende do olhar apaixonado para ver a tara
assassina da tara na memória

dispenso

assassina do espaço-tempo

dis

o cenário infame sobra
termina antes do enquadro

marília

d e c l a r a s s e c o o l p (a d) a n a f o t o g r a f i a
bondage & barefoot photo fantasies

pensei

coleccionador incomum

fon

fon

um boogie-woogie para marília

em ritmo de salsa

em ritmo de jazz

escolhe uma peça do piano player para o computador tocar como se

fosse pianola de corda

para colon nancarow música

por mim mais uma música colocada nas letras da palavra

literatura

l i t e r) a (t u u u u r a.....

o que cabe na literatura?

a música do piano player

do piano preparado

parece caixa de guardar as coisas

um anel um brinco a bailarina ímã diante do espelho

clássica

dançará como isadora duncan

grega

literariamente dita

escolhe uma parte da roupa que você não toca

aquela peça que se repete sempre como se fosse piano de corda

fragmentada pelo fetichismo

presente numa parte exata a o

pé da letra

da palavra dita

em partes soletrada

ao fim da tarde em

divisão silábica

nas três sílabas da palavra mágica

dis

tra

í

da

virará vitrine no espaço público

saltaria as poças

desseioimundodesseioimundo

desseioimundo

desseioimundo

desseioimundodesseioimundo

delirantes

a flor, celebra a deusa de todas as plantas
ilumina de vez minha cabeça tonta
não peço às musas, que me deem ideias
peço a Ti, no fumar da tora
feita das folhas, a que chamam ervas
germina no meu peito

Flora

entre os arvoredos
todos os matos para dar barato
semeia a nicotina e o tabaco
maconha, anis-verde, camomila
cultiva jardins de folhas de figueiras
frutifica figos, uvas, framboesas
cerejas, pêssegos e peras
para saciar as fomes das fumadas
prolifera, Flora, subterraneamente

recebe Timothy Leary em Harvard
de onde vem a inspiração da química
a picilocibina e o cigarro

recebe Mingus
a cumbia e Dannie Richmond
tocando bateria

recebe Henry Miller
antes de tudo
trópico

recebe Pollock
action-painting
dripping

recebe Lois Lane
fazendo *strip-tease*
de biquíni azul
vermelho e branco

nacionalista I

o chá borbulha na chaleira
a borbular
o borbulhar do chá lá na chaleira
dabu dabu
faz o chá lá na chaleira a borbulhar
hachitataki
bate a tijela
bate a tijela para por o chá
hachitataki
bate tijela
dabu dabu ressoa
para por o chá
nembutsu, tua prece
hachitataki
nembutsu, para mote
hachitataki
hachitataki e o barulho
dabu dabu percute
hachitataki e o percussa
borbulha lá na chaleira
pelo casebre borbulha
onde há choro
há noite
nestas dez noites
noturnas

*um batuque para Buson
nacionalista II*

*também pelo casebre / onde há choro à noite / passa o hachitataki
ah! o chá / também diz dabu dabu / nestas dez noites*

esteja atento
pois ao longo do trajeto jacto
periféricamente jorro
submarino é peixe de aço para índio bruto
 diante dos espelhos

Jonas na barriga da baleia ganha
a baleia mãe de Jonas e de suas manhas

parece tão complicado...
ouvir Webern e morrer
 atabaques batem / atabaques atabaques / atabaques baques
assassino do momento que passa
assassina em tangas de miçangas e descalça
já mãe Iemanjá sob os estobos dança
refletida na série
como se fosse música do século XX

permanece
a nave atravessa os rios de São Paulo com bandeira da peste içada
 bare-feet parade like a foot fantasies by Franco Saudelli passa
cada qual com suas razões para seguir na praia, imerso na marola
 no rádio toca Mobile / Stabile
 Marcha sobre a cidade
e a Flor de plástico incinerada

fica ereto

vira Megatron

) nada a ver com o coração de aço
só pensa no abraço da melhor amiga quando diz
até mais tarde (

a letra H está na bomba monstro

está na porta do banheiro para dar uns tiros
cada gata tem um ponto de interrogação
debaixo da cintura

se torna beastie boy

sampleia o berimbau

urra qual cachorro louco diante da vitrine

– o manequim é a mulher da hora –

clama pela curra

– qual Caim ou Jack –

atura alguma causa sem Lua, sem rua

só aurora

nacionalista III
para Delmo Montenegro

o tamanho do mundo
tem um metro e quarenta e cinco
barras assimétricas no sorriso

como?

bailarina de circo
dança sobre o cavalo na Grécia

nacionalista IV
para Daiane dos Santos

O BANHO TURCO

para Horácio Costa

Sempre me interessei pelo Banho Turco, de Ingres.
A herança clássica, a influência romântica
e o espírito científico do realismo,
numa produção vasta e polêmica –
da última vez que contei,
havia, pelo menos,
vinte e cinco mulheres no quadro.
Teriam sido dele, todas elas?
A moça do centro, que tange o alaúde
é sua banhista de Valpinçon;
a que dança,
perto da percussionista negra,
é Angélica, no banho sem Rogério,
sem dragão ou grifo
sem rochedo, livre;
livres as baronesas e madames
fora dos vestidos rosas e floridos.
Os biógrafos do pintor tendem a ver outras modelos,
Ingres tinha 83 anos quando fez a síntese,
guardadas de cor – quem sabe? –
desde os projetos do pintor aos 24 anos, no autorretrato,
tempos atrás.
A capa escura – ainda está magro –
da tela ele sozinho olha para o espelho,
a tela já é desculpa para se despir
e ver as moças nuas.

CLUBE DO PICO

para Caco Pontes

hoje eu tive uma ideia
dessas de deixar os homens ricos
andando pela Zona Leste
vi a casa velha
vai ser lá o Clube do Pico

casa velha, suja, bem fodida
não precisa nada
sem cama, só colchão no chão
coberta e trapo
coisa de drogado

ponto de fazer função
dá pra fumar uns tapas
dá até pra esticar um tiro
no banheiro, na mesa, tanto faz
nada é escondido no Clube do Pico

começo sozinho, depois
vai chegando gente
só vai menina gostosa
só vai moleque bonito
menina beijando menina
vão lá no Clube do Pico

(pois no nosso clube
tem um quarto escuro
para quem tem sorte
nesse quarto escuro
tem picada forte)

a luz é lâmpada no teto
o som é rádio vagabundo
bebida? tem que trazer de casa
comida? tem que pedir pizza

mas cuidado, vai perder viagem
tem gente que entra, tem gente que não
cara de bermuda branca
feminista torpe
fumante passivo
essa moçada, não!

vai ser tão famoso, que se alguém perdido
perguntar na rua, onde fica a festa
a resposta é certa:
segunda à direita
siga sempre em frente
você dá de cara no Clube do Pico

MILITÂNCIA (poema estudantil)

para Alessandra Lacerda

na assembleia ela se faz política
derruba os tiranos dos seus tronos
desmonta o aparelho da polícia

defende a opção pelo aborto
legalize já toda maconha
vamos por um fim na homofobia

abaixo o sectário e o burocrata
se liga, companheiro que incrimina
uma menina beijando outra menina

pôster de mulher pelada é machismo
quem come é a boceta e não o pinto
meter não é bem uma palavra exata

uma noite, porém, meteu comigo...

curiosa com o sadomasoquismo
pediu que lhe ensinasse a arte nobre

sou sua puta, me fode
sou sua puta, dizia

mas mesmo assim, não se esquecia
do feminismo... do feminismo... do feminismo...

hei, *hombre!*

hei, amigo!

por que você não faz alguma coisa
hombre?

mulher com mais de trinte
só pode ser contigo

faz alguma coisa, *hombre!*

hei, amigo!

a tequila, *hombre!*

mulher com mais de trinta, amigo!

desaparece no melhor da pose
a perna nua
exata quando tira a roupa

tem tanta coisa estranha acontecendo

ainda me lembro
sua mão na caixa do correio, longa
corpo aberto no espaço feito pipa

o céu está em supernova agora

um ditador cruel vai dominar o mundo

resta apenas um segundo
é agora ou nunca
pra mostrar as pernas

um madrigal estranho na cidade
grande, a musa que prefere mini
saia, sem túnica, prefere a mini
blusa, prefere andar
descalça; madrigal urbano cor
de cinza, Sol a pino, canto de
buzina na cidade grande; a
sereia muda, escondida no
navio do argonauta
o argonauta bule te oferece o
braço, te oferece a asa, a xícara
de chá de erva do submarino...
submissa, Marília
a seriema voa pelo céu
azul – anti-pavão – rosada nuvem
de chuva carregada, plúmbea e
cor de rosa – a planta
do pé cinza como a nuvem, o peito
do pé rosa como a nuvem, colapso
no tornozelo a encontrar a perna
sedutora – masoquista, Marília
a claridade quente
sobre o chão de pedra, o Sol a pino
e o barulho estridente das buzinas

3 FATORIAL !

para o poeta jurista Tomás Antonio Gonzaga

o descanso dos justos

São suas sobrinhas?
No fim da semana seguinte,
apareceu com fotos dela mesma,
dentre sete, havia liberdade.

Apenas teria julgado as fotos colhidas pela rede,
ora os cabelos, ora as pernas da M.I.A.,
ela própria pedia para ver a Amy Winehouse em DVD.
Dava a entender que as meninas seriam novas demais...

boca em forma de V

V, de Vicente...
Ela lembra a Britney Spears antes de ficar gorda.
Perdi sua boca na desculpa dada,
continua alegre e olhando para as pernas da moça.
As duas de vestido curto na fila do caixa,
Marília era mais branquinha,
a Britney, menos.
As duas da mesma altura,
o mesmo esmalte vermelho,
pareciam tiradas da prateleira.
No caminho de casa,
os lábios diziam V, como nas máscaras da comédia.
A fileira dos dentes na horizontal,
a boca em forma de V,
é melhor do que olhar a vizinha através da janela.

mórbido silêncio

Dee Snider acaba de ser linchado por Robert Englund,
um bando raivoso de promotores
e donas de casa.

Meses depois fui entender
o capitão Howdy é o mesmo nome do amigo imaginário
da menina d'O *exorcista*.

A capa do DVD é o que há de melhor,
a moça não pode gritar por socorro,
a boca geme costurada na sutura simples.
Posso ver os furinhos ao redor dos lábios,
o capitão Howdy, via internet,
convida jovens desavisados para uma festa.

Não é sádico, nem masoquista,
só suspenso no rito da Dança do Sol
em busca do Grande Espírito.

Dança da Lua nos porões da danceteria SM,
o culto da Dor e o cara do Twisted Sisters:
a Lua emplumada, o corvo no lugar da águia,
capitão Howdy colocando piercings na rapaziada.

baseado na desigualdade

SM sem medo é sem graça,
por isso o capitão Howdy é legal,
por isso a namorada maso é mais legal que o capitão.

De repente, a Britney entrou na padaria;
ela deve ser minha vizinha,
entrou justo na hora em que eu não tirava os olhos
dos pés de outra menina.

Nas dobras da saia indiana,
seria detestada por ela,
mas a Britney, não.
Pelo menos um número menor
no short jeans e na mini-blusa,
a padaria ficou em polvorosa.
Recita Bocage agora,
poeta português na padaria!
O suco de acerola com laranja é sem açúcar,
quero só uma fatia de presunto
no meio do misto quente.

o universo para Marília

Logo na entrada,
as palmeiras surgiam rígidas
para ver Marília passar.
Disse que a estampa do vestido curto era cintilante,
que brilhava de noite feito luminoso,
como brilhou no escuro do planetário,
no Parque do Carmo.
A noite estrelada na velocidade da luz
e a explicação do paradoxo do espelho:
se viajar à velocidade da luz,
sua imagem some?

Espelhar-se consigo mesmo é uma fantasia ontológica
– na pior das hipóteses, uma fantasia esotérica –;
bem antes de chegar na Lua,
Marília brilhava presa no vestido e me beijava a boca.

Na noite escura,
amada em seu amado transformada
através do espelho e da velocidade luz,
nossas sombras vagariam como fantasmas
ao longo da história,
como Engels e as irmãs Burns;
através da galáxia, eu seria como Lênin
e as camaradas Nadejda Krupskaja
e Inessa Armand.

3 fatorial !

Eu crucificaria a Britney.
A Britney vizinha?
Tanto faz, parece com ela e pode não ser.
Antes seria minha,
flagelada como Jesus, com exagero;
Britney nas mãos de Chuck, matador de polícia.
Como?
Como o céu escuro vale pela dor e, as estrelas,
pelos picos de prazer na extensidade da dor;
tanto quanto for possível transformar a namorada sado,
ou quando você sorri
pendurada pelos pulsos.
No meu céu,
quase sempre coloco Gia Carangi entre duas ladras
– duas loiras –
enquanto ela me chupa o pau
e a vizinha fica olhando, amarrada no canto.
A vizinha como Dorothy, eu, como Ezra Pound,
Marília seria como Olga Rudge, não como Etta Place.

CANTIGA DE MARÍLIA NA BIENAL

para Affonso Ávila e Paulo Ferraz

o que por aqui realça?
seria a tarde de valsa
na atitude da garça,
zonga, o pássaro alça
voo rasante, disfarça,
moça, o que quer que faça?
a obra de arte passa,
parece presa na sala
de visitas, tão sem graça;
a obra pretexto, a asa
flana, o arco sujo, a flecha
vara o coração assaz
aflito para ver as
partes que você mais mostra;
a morte da arte, em queda
meu olhar passeia, moça,
fixo nas barras das calças,
nexo, mirada de costas,
fruição nas plantas curiosas
que você machuca, corça,
quando se descalça, uvas
sobre o chocolate amargo
que você fratura, caça.

um fetiche
um objeto mágico
alguma parte separada para ser exata
apenas não se trata da figura da palavra que te vem à mente

não se trata disso
já não se divide
somente fixa
somente fixa
somente fixa

nostalgicamente
te remete aos tempos dos macacos
e às meninas de rua da Praça da República;
perambula, busca,
seja perspicaz pelo menos uma vez na vida
diante das pernas rígidas de algumas das meninas
e da maioria magra das malabaristas

às vezes
apenas a palavra basta

sua divisão silábica, sua tipografia
o que entoa na imaginação
miragem
por isso a volta do rosto
retorno para opor os olhos acima dos ombros:

ela ainda te espera lá, parada
descalçada e suja
por cima das sentenças

São Paulo, luz do Sol cora
vermelha – anoiteço
bandido da luz vermelha –
diante da porta
Camila só de camisola

os tempos da
diligência

50 estudos prosódicos
(2009)

DILIGÊNCIA – 1 interesse ou cuidado aplicado na execução de uma tarefa; zelo. 2 urgência ou presteza em fazer alguma coisa. 3 medida necessária para alcançar um fim; providência. 4 busca minuciosa; pesquisa; averiguação; investigação. 5 ato judicial que os funcionários da justiça executam fora dos respectivos cartórios ou auditórios. 6 serviço urgente e extraordinário executado fora do quartel. 7 corpo de tropa encarregado desse serviço – ETIM lat. *diligentia,ae* "cuidado, empenho, zelo, exatidão". ANT apatia, desleixo e indiferença.

para o amigo Roberto Zular

A TENTACÃO DE ANTONIO

olha pela janela e pensa
o que vai ser agora?

a brasa do cigarro aceso
sobre sua pele?

a demora?

não passa dessa vez
sem mar
sem tigre
nem outra fera que não seja aquela
aflora

UM LANCE DE TRÊS LUGARES

fixa
a lente de contato falsa
parece verde, parece plástico

resiste
alguma aluna diz que se inspirou em ti
só percepção sem glória

a raiz se mostra
o olho verde de verdade mora
sob o seu telhado
de segunda e quarta

SENHOR INVOCAÇÃO

para o Paulo Scott

Igor, vamos ler livros de terror
a droga, Igor, pronta pra fritar
sua cabeça feito
ovo; a poeira do livro, Igor
praticamente te vicia; a
página, procura a página da
dama e da tortura; se toca, Igor
sua cabeça como
no almoço; você vai ler a página
maldita, monstro; seu cérebro pronto
pra virar comida, Igor

A DECREPITUDE DAS LETRAS

entre o reboco e a ruga
algo que cutuca

A MUSA CRUCIFICADA

cinco por dia
para dar cinquenta
são dez dias
para dar cinco por dia
para dar cinquenta

VINHETA DA SAUDADE

ainda evita

morderia o calcanhar como se fosse cobra

no diminutivo

ainda te devora

mesmo quando a irmã atravessava a sala

DE VENTO EM POLPA

uva

cacho de cabelo escuro

o olho verde ficará um tempo porque sim

vago

será só simulacro

seu valor não passa disso

O ABISMO

mu

celebra por um triz

a filosofia para nas pernas cruzadas da menina

MINISTÉRIO DA FUMAÇA

para Joca Terron

veio assim
parecia uma moça no vestido preto
cor de saco de lixo no desfile
e a fita crepe

minha mocinha
melhora mesmo
sentia falta já, bem nervoso

AS CONDIÇÕES DO OCASO

a hora da troca grita
há hora e lugar para fazer a troca

enquanto isso

oscila entre o desenho e o peixe

HISTÓRIA EM QUADRINHOS

para o Luiz Gé

eu quero ser uma locomotiva.
você, de salto alto, o que seria?
mira
na janela agora, sozinha
no vagão vazio
a seriema voa
dá para ver da janela da nave
que viria de Eldorado

seria nave? navio de guerra?
seria moça lendo na cabine?
rever, lá fora a selva silva sós...
– o grito me confunde
não sei se ouço ave
arara
não sei se é macaco –
eu insisto no coral dos sapos quando apitam
alto! alto! alto!

JARDIM DOS ÁCAROS

faz pelo menos cinco anos
foi quando me dei conta
que fazia mais

já tinha começado antes...

desde antes dos dezoito anos
talvez menos
menos do que dez
do que seis
talvez menos que seis

SEGREGATIVA

se você chapasse de páprica...
mas você não chapa

se dançasse a valsa ainda
feito gata
para que Viena enfim se transportasse
do portão cinzento
do metro
no piano bar tão careta
tão diferente da avenida principal

lá
parece Berlim
parece o *sex shop* perto do jardim zoológico
e da ferrovia

APOCALIPSE NO ESCURO ENTRE DUAS AMIGAS

I

você acha que o futuro é um coturno duro
 pisando na cara dos culpados?

acho sim

acho que a maioria tem cara de bola
 só serve para ser chutada.

iguais aqueles caras lá fora?

isso mesmo, tudo cara de bola...

espero que o futuro seja uma mulher
 chutando todos eles;

uma mulher magrinha chutando homens
 e mulheres com caras de bola...

II

esse clik é um isqueiro?

foi.

e essa brasa?

essa brasa é sua, agora...

CANTIGA DE AMIGO

fui eu, chorar
cá destes olhos meus

– vedes, amigas, como a tarde é cinza –

se derrama

parece vinho

será que ele me leva assim?

será

que se incomoda?

ainda não sei

sei lá...

A INDEPENDÊNCIA DA MEMÓRIA

a chuva te move pelo ouvido
havia um temporal lá fora

faz frio
serve na encolha
a cama lúmpen te conforta
só faltará o aroma

SHIVA?

o centro do mundo está em toda parte

foi simplesmente assim

apagou o fogo descalça

) no cruzamento da Estados Unidos com a Nove de
Julho (

ainda se despede incauta

presa na memória

ENTRE A PRIMEIRA E O PRANTO

campeador
era para ser atriz
me apronto na acrobacia suja
diante da última

efeito da Lua
afeito ao caranguejo-câncer
ela se propaga

ninguém entende

feia e fiel

a formosura foge da valsa na síncope que faz
para entrar na sua

AGORA

porque aquela?
para diferenciar o ato
simular o choro diferente

prescreve?
claro que sim
como se fosse lei

para ser nostálgico?
sinceramente, porque ela era magra
e me esquecer

AZUL

fez de conta que é passado
uma citação depois da outra
precisa dessa rede toda para te alcançar

mas o detalhe torto
sempre alguma fibra
fissura que não passa

QUADRILHA

os ás e os ós
para te comover

porque assim se insinua pelo ouvido
porque assim se foge

às vezes valsa
às vezes fole

para sempre
troca

SWEET SORROW

é fundo ao fim
ou somente o sol
que desenrola?

faz a liga
demorou
por isso a mente sobrevoa o que resta
da região sudeste
ao norte de Minas
e o homem que viajaria léguas
chega?
para sempre rente
reto
na Bahia
capturado pelo golpe baixo
ainda se lembra quando a cor vermelha
prende no vão do asfalto e da calçada

JARDIM BOTÂNICO

o túnel de bambu assopra

são túneis de bambus

será que por ali não passa alguma cobra?

depois estufa

carpa

a escada sobe com sinceridade de musgo e de pedra

COLEÇÃO

sorria Buda, como todo filho da puta ri

o sapo branco quase que coaxa

um asteca te lembra que a América é um labirinto

faz tanto tempo a boca

essa foi a sexta e a última

somente a face azul convoca

DIFÍCIL

Janis Joplin coberta com colar de contas
as pernas cruzadas da Brigitte Bardot por cima da mesa
o doutor Freud fuma
Ernesto Che Guevara assina
e os pés descalços da menina que eu não vejo o rosto

FOME DE FODA-SE

como seria um poeta concreto
trepando debaixo da chuva?
acha que ele se encontra encharcado?
ou, numa manobra, ele permanece seco
e você se molha?

como colher esse instante vulva?
suspender o pênis por meio da palavra?
memorizar um número no âmago da composição?

NOS TEMPOS DA DILIGÊNCIA

a investigação do ofício
nesse meio tempo sem cúpula
sem se afogar na espuma
sem essa de cavalo afoito

a campa
o campeador alcança
ressalva na alcova
na re-visão do Marquês de Sade

VENEZA

na praça de São Marcos

a pomba é nuvem

cLOUD

bico de pena

mas só me interessa ela

a mocinha norte-americana branca

que passeia descalça

FLORA

como fumar essa ponta erva que a memória acha
mas não consegue guardar?

infinito esse beijo
que a boca molha
mas precisa passar

e passa sim
passa a ponta propícia ao momento que passa

VÉSPER

no suspiro, ópera
já faz tempo o coito
qual no livro

freme
como antigamente

a válvula segura a caça de uns tantos volts
os watts vão dispersos por aí
elegantes

PSCIO...

para o Thiago Ponce de Moraes

você já leu da imperfeição e da fissura
o rasgo na tela das figuras?
se liga e se desliga
mora
apenas por um instante, flerta
repara nas mocinhas que declamam versos
nas portas dos teatros

JARDIM NOTURNO

enquanto você fica estacionando o carro
não sei se é gata ou gato
desceu marrom e pluma pela escada
do jardim noturno
no jardim noturno
a trilha vira figura cor de cinza
trapézio
tudo fica verde escuro
para projetar a noite e a folhagem
a planta roxa grita
linha reta e larga
ficar na sensação da construção dos fatos

RAGA

para o Marcelo Sabea

passei a tarde toda assim
só sei fugir do vale a pena
por que tarde, sendo minha?
como se fosse o último refúgio do poema
comuna do sagrado

leve o tempo todo para separar a tala
mesmo assim me perco
só sei dizer não sei
– não como na filosofia –
meu vício é o único que fica

MARÍTIMO

lembro da receita
dos 13
escondida na capa da revista
a clandestina nua na canoa
na fenda
pronta para o encontro

EX-NAMORADA *EX NIHILO*

foi só porque foi importante
na cena não cruza
um momento assim ninguém resiste

a alma brasileira irreconhecível
outra terra à vista, planície das desmazeladas
só assim é musa

SÁBADO

Sulamita

– esse nome –

o grito barbariza em veias e gargantas
por essa eu não espero mais

na cristaleira vejo meus avós
suas almas fantasmas, presas nas fotografias
uma herança feita de garrafinhas
do passarinho feito de madeira
do vaso-bota
do sábado sempre que não passa
passou enquanto isso um pedaço claro
rosa do rosto de uma moça que me socorre

parece bárbara
renova alguma coisa de cabelo solto
enquanto espera

VOZES FÊMEAS

o que me apetece muda
mas continua a musa presa na gaiola

escuto um canto de mar
a poesia escorre dos sargaços

no lugar ameno meio triste
sou capturado pela indiferença
quando alguém declama a flor de plástico incinerada

NANÁ

ninguém gosta de ficar sozinho?

nos cantos

coro

coral igual na conferência

dos olhos amendoados

como nas indianas

o grito cachorro late atrás dos versos de Vyasa

pia um pássaro que parece arara pequena

O GOSTO DO CONTO

vestida numa camisola clara
não sabe a cor exata
afinal de contas
foco
alguém que se abaixa
para o desfecho
eu reflito até aonde vai a construção disso

ZEN

para Pedro Xisto

no seio do silêncio
cio
cílio no meio do poema

FLOR

na nuca

nunca havia visto

sempre me censura

o superego atento

até aqui tudo corria bem

mas o xadrez me lembra das calçadas de São Paulo

a parte preta, lisa, acima

nada como o Sol da tarde

no noturno

FOTOGRAFIA

se é só pretexto

por que a pose?

miragem

não há análise que resolva o nexo

é só um nó que gorjeia durante

FÁBULA DO PORTE

para Ana Cristina Joaquim

venha conhecer Lemúria
a mudez perante os sólidos platônicos
ainda é defesa discreta dos conceitos puros
no vão da filosofia
a menina mais vadia te pega pela mão
imagina uma puta
que lê a *Crítica da razão pura*

CUBO

ou

a mão passeia pelo quase

arrisco que a mão passeie pelo quase

ah!

por pouco era

mantra

buzina

piano preparado solto na planície que separa

meu canto primata

primal

primeiro soco da manhã

SEXTA

se perde na areia clara

vira o Hulk verde

viaja numa cor lilás vendo televisão

NÍTIDO

existe a explicação ali
no ponto de que parte a linha
aquela mesma que você traçava
como se fosse um plano
os livros nas estantes
gráfico
o muro se parece com os quadros do começo
do século passado
mas o que me punge
é código
é o quanto você se parece
face
com facilidade é quase
confusa
dazed
and
barefoot
em Londres

DESENHO

só o que se deforma
importa
na hora de escolher a fôrma
a variação da massa com o passar do tempo
pensa no papel do chumbo
da posição do rádio na tabela
na transmissão da primeira mensagem levada ao ar
para se comunicar com os seres de outros planetas
imerso na matéria escura

CARPA

para abrir o mar o seu vestido preto
para a desbragada
foi-se o tempo do corte
– ainda ontem te vi passar indecorosa –
apenas para dar contexto
isso não basta
o lugar na estante para a metafísica
para o poeta que se suicida
para o que fica

TRATOR

necessita da vítima viva
a coisa toda se explicita numa discussão
o tímpano simula o estrondo qual dois grandes rios
em côncavo abismo
que parece guerra
quase parece artista
que grande artista o mundo vai perder

o livro das músicas

(2010)

o livro das músicas

lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiade**gra**çaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
sse**bru**mabrunetteparaseranapara
cimasem**pre**cheiadegraçaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasem**prechei**adegraça**ple**na
lídiacom**mo**nomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunette**tte**paraseranapara
cimasemprecheiadegra**ça**eplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena

A MÃO MUDA

MACOMUNADA COMUNA

TE MANIPULARÁ

MAESTRO NA CONDUÇÃO DA ORQUESTRA

NA CONDUÇÃO DA MÚSICA

NA CONDUÇÃO DA MUSA

DA DANÇA

DO COLAPSO

LAPSO DE TEMPO

DE PAUTA

DE DISPERSÃO

LAÇO

REGÊNCIA I

AMÃOMUDA

MACOMUNADA

TEMANIPULARÁ

MAESTRO NA CONDUÇÃO DA ORQUESTRA

NA CONDUÇÃO DA MÚSICA TRINA

NA CONDUÇÃO DA MUSA TRINA

DADANÇA TRÍTONO

DO COLAPSO 3

LAPSODETEMPO

DEPAUTA

DEDISPERSÃO

L A Ç O

REGÊNCIA II

SUA FALA JORRO
COMO DETER?
SUA MENSAGEM SOBRE
COMO MUDAR?
SEU SOFRIMENTO

A IMAGEM NÃO SE PERDERÁ JAMAIS
GARRAFA NO MAR MENSAGEM
MUDA PLANTA
TÍMIDA DE TUDO

ÁRIA I

lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena

MINIMALISTA

O amor começa numa concessão
A poesia confessional também celebra sua ficção
Um grifo se insinua nessa dicção e muda
O amor começa numa concessão
A poesia confessional também celebra sua ficção
Um grilo se insinua nessa dicção e muda
O amor começa numa concessão
A poesia confessional também celebra sua ficção
Um sopro se insinua nessa dicção e muda
O amor começa numa concessão
A poesia confessional também celebra sua ficção
Um pomo se insinua nessa dicção e muda
O amor começa numa concessão
A poesia confessional também celebra sua ficção
Um pomo se insinua nessa dicção e muda
O amor começa numa concessão
A poesia confessional também celebra sua ficção
Um pomo se insinua nessa dicção e fixa
O amor começa numa concessão
A poesia confessional também celebra sua ficção
Um pomo se insinua nessa dicção e fixa

ÁRIA II

você se decepcionaria sim
se eu não pensasse isso

seria como te matar de amor

para te fazer sofrer
mesmo que não seja assim

mesmo que seja para respirar
para te ver melhor
simular sua voz

dispersar seu canto
concerto
atitude mínima para fazer a corte
o choro
mais um acordo

você se decepcionaria sim
se eu não pensasse isso

seria como te matar de amor

para te fazer sofrer
mesmo que não seja assim

mesmo que seja para respirar
para te ver melhor
simular sua voz

dispersar seu canto
concerto
atitude mínima para fazer a corte
o choro
mais um acordo

FUGA I - OS JOGADORES DE CARTAS

fiquei imaginando a cena _____

você a me observar
eu a te admirar mais

podem ficar sujos de terra

pretos da sujeira das ruas _____

mas eu gostei muito

_____ sempre penso em você

ÁRIA III

LÚCIDA

ILÍCITA

DANÇA DEBAIXO DO TOLDO
PARA SE MOLHAR

SÓ UM POUCO

FLAUTA DOCE

silencioso cílcio

cioso de seu papel no coito

despretensioso modo de encarar a coisa

VIBRAFONE I

despretensiosa presença

cuidadoso decoro para se mostrar

camisola quase rosa quase vermelha

VIBRAFONE II

uma venda

uma fita

nenhuma cinta liga para atrapalhar

VIBRAFONE III

posso te chamar lúcida
aquém posso te chamar
de alguma coisa
confusa?
crucial?
anterior?

nada disso ajuda

se eu fosse verde
já seria fumo
se eu fosse Deus
seria pra te ver de saia, só
dizendo – qual seria?
seria deusa por convicção
incauta
pronta pra fugir descalça e
dar um coração a cada um
que passa, a rima
vaga no espaço
inda que vazio...
o colo aos ventos
às rosas
e cio aos tempos
para garantir
as trovas e a praça
em plena explosão;
a causa?
um gesto simples
de vida e som
silencioso, quase mudo
o asfalto, como se diverte –
inda que silêncio de pedras
– sujo, o brilho do vidro
em caco,
que pedra pulsa e ri
quando
presente
a doida

CANTADA I

Variações sobre o poema *Se eu fosse Deus*, de Sonia Pereira
se eu fosse Deus / seria deusa por convicção /
dar um coração a cada um / inda que vazio... /
e cio aos tempos / em plena explosão/ de vida e som /
inda que silêncio de pedras / que pedra pulsa e ri / a doida

no guindaste a esfera suspensa pelo cabo,
você, suspensa no aparato estranho, sofre

na banca o calor perfura a cor das frutas,
a fruta, feita para a dor do furo, flora

cascas contra o muro,
só murmúrio e musa

a esfera fende a fruta
o consolo, a musa

CANTADA II

*Variações sobre o poema Dor, de Flávia Rocha
No guindaste a esfera suspensa pelo cabo. /
Na banca o calor perfura a cor das frutas. //
Cascas contra o muro. / A esfera fende a fruta.*

a lua admira o seu corpo seminu
eu admiro seu corpo-lua e a rua

escrito nas ondas
nesses trapos sujos

o asfalto-seixo
seus pés descalços

continuam assim tão belos
eu continuo neles, ávido

ébano, ônix, gralha
esse se banhar sem água

lansã insana
por trás dessas árvores

CANTADA III

*Variações sobre a primeira estrofe
do poema A luz da lua, de Elizandra Souza
A lua admira o seu corpo seminu /nesses sujos trapos
seus pés descalços / continuam assim tão belos
esse se banhar sem água / atrás dessas árvores*

**te chamo pupa
agrura
tecido difícil de decodificar

mas te guardo de cor
de coito
coitado desde o dia em que te
conheci faceira
fazendo riscado
gira na sexta feira à noite**

BATUCADA PARA ATABAQUES-BAQUES

fui eu, formosa, me arrumei inteira,
tinha um coelhinho azul na camisola.
coelhinho amigo, calma nessa hora!
fica quietinho dentro da gaveta...
 será que ele me leva assim? será
 que se incomoda? ainda não sei, sei lá...

fui eu, chorar, cá destes olhos meus,
– vedes, amigas, como a tarde é cinza –
borrou nos lábios, derreteu o rimel,
parece vinho, a lágrima que fez...
 será que ele me leva assim? será
 que se incomoda? ainda não sei, sei lá...

fui eu – se digo, creio que não fica –
de linho branco embaixo do vestido,
lembra o consolo, se não está comigo,
como se faz amigas, nesses dias...
 será que ele me leva assim? será
 que se incomoda? ainda não sei, sei lá...

CANTIGA DE AMIGO I

aquelas noites tão longas...
veneno significa,
em grego, a palavra fica
tóxico e eu fumo maconha
no tempo em que meu amigo
me troca por outro amigo

por que o fez Deus tão grande?...
meus dedos, até o punho,
não são todos eles juntos,
quisera!... mas, inconstante,
no tempo em que meu amigo
me troca por outro amigo

CANTIGA DE AMIGO II

renata que
significa rumo
bruna que
significa música
bárbara que
significa no 2º
horário camilla
que significa
israel renata
que significa
angelina
bruna que
significa gia
bárbara que
significa muitíssimo
fina qual olívia
camilla que
significa close
to you

LOGOPEIA

calendário SM

**de tanto contemplar
as cerejeiras em flor
doem-me os ossos da nuca**

Sôin

**nem só a idade da boca
para falar do fumo**

**somente muro
nenhuma palavra importa**

**o grito do despertador
acorda**

**entusiasmado com muro
com fumo
com corda**

**ante a cumeeira
rosas duras e pontudas
heras e cereja**

moça, porque você não para de
falar; ouça, há uma história para
te contar; meça quantos metros de
corda uso para a
trama, uso para o drama, pretexto
acima de tudo. destino? hino
dedicado a Aracne e a Hemera,
às Graças e a Andrômeda. pulso?
impulso que não para

nunca

nem
que
o
mundo
caia

nem
mesmo
se
você
insiste

nunca

pelo menos isso
uma noite em Tunísia
uma noitada boa...
pelo menos alguma sopa
seda
suco de tomate

alguns tijolos
feito Krazy Kat
duro como um tijolo
qual Marquês de Sade
durante a abertura Cubana
pelo menos um vestido curto
pelo menos a passacaglia de Weber

poema em prosa existe? o pomo de Adão permite essa levada?
não pode fazer nada... irerê é um passarinho do sertão do Cariri;
viola, minha violência em concerto para cinco cordas; desistir da
prosa prosa prosa prosa prosa prosa prosa prosa prosa prosa prosa

escrita nas ondas
a palavra muda.
marasmo... marola...
a maré de sorte
que faltava. prece?
o poeta é só
um cara, acende
como qualquer cuca,
apenas dá a pala
em voz alta para
ver se soa alguma
coisa. inspiração?
poeira de livro,
de revista velha,
navegador da
rede, do bizarro,
o último dos
moicanos. punk?
talvez, mas não se
engane, o drama
não é tão estranho,
é cena de night-
club em Nagasaki.

emana da memória?

quem se lembra do passado em preto e branco

o raio X que te devora o ventre

a mente

as entranhas?

câncer?

mas nem tanto,

algo de venéreo que se dispersa

e que se multiplica

o sono é irmão da morte...
quem é irmão de nossa senhora
desatadora de nós?

será irmã letra, irmã das regras da gramática?
irmã do irmão retórica,
irmã lógica?

voz

) próxima de foz (
a primeira que não vem
em forma de vírgula

) um segundo exclui

enquanto isso, o tempo passa (
a foz fica retida no dique

) em coma (
você fica difícil de D E S A T A R

primeiro cora
coral
só não define com clareza
como fica o coro
o couro
o canto

) cora?
clarice?
mal consigo imaginar o nome
... (
em seguida clara) custe o que custar (

– foi tão fácil conseguir, e daí –

colheita do que semeiei

**quem dedicaria uma oferenda verbal assim?
pronta para um projeto?
pronta para um projétil?
apta para um fim?**

**a construção do
vermelho**

passeio pelo parque em flor?

pelo parque da física, no pátio me deparo
escolha entre a maçã e o prisma

a gravidade...

... o vidro

a cisma?

o contínuo

istmo de dúvida

concerto para viola
feito com violência

próprio para filtrar a

l u z

por isso a maçã

sem sombra de dúvida

de árvore

de aurora

rena

celebrará os galhos

a galhardia

singela e despretensiosa

entre os cavalheiros

adão

a veia ca **V** a

leva-me daqui . . .

EVOCO EVA para me proteger

explícita
hora da lua
da luação

hora das regras

tempo de determinar como se vestir
como se dispor
o que fica de fora
e o que não fica

simular a gema
o rubi

laser quando se refrata na fumaça

único

V que interessa

traduza

EVA

ALEPH

um touro tão transparente

tórrido

ávido de ternura

urra como se fosse lobo em pele de bronze

por cima da fogueira

sopra como se já fosse cinza

OZ

Ormus

Arimã

**trema de medo diante daquele verde
da cidade verde de esmeraldas verdes
do casaco rosa que ela veste
quando coloca óculos escuros**

fogueira

um colo cor de rosa

explicaria tudo

uma nênia para Geli

uma nênia para Geli
a vítima ariana do nazismo

o primeiro campo de concentração
_____ não se mova, você é um quadro
agora

vaga

lembrança dos tempos da Atlântida
um tipo de diáspora na decoração do quarto
_____ faça o que quiser com ele

tão doce...
seria creme
anis...
sua boca diria rosa
diria rubro
diria Eldorado
quando
Geli aflora em América L

a mocinha loira da capa

loirinha das marchinhas de carnaval

vestida de holandesa
na porcelana branca

nos livros de criança, pálida e rosa

estampa



a frente e o Mar Vermelho afoga

como será o céu dos suicidas?
lá ela seria santa?
o avatar nazista que se suicida
por que se suicida?
então seria Shiva, Indra, Lágrima?
seria águia sob o sol emplumado
a mocinha branca?

voltará em forma de gata siamesa
meio siamesa, meio vira-lata
a pelúcia clara – parece gata de mentira
o olho azul fica cinza quando fita o Sol
através da janela
apoiada no encosto da cadeira que simula
onça pintada
a gata, o fetiche da onça, os olhos azuis
ela é de novo gata
clara
mas é minha

está na tela do cinema
se move, como se fosse a Terra
o vento clama subterraneamente
escapa pelas frestas da calçada, grades
levanta sua saia branca

as pernas dizem **V**

de **VITÓRIA**

a pureza da pauta

(2012)

I

anjo no nome, Angélica na cara...
será que basta?

em que mergulho agora
como me afundo?
se uma boneca fala
se você vem sempre aqui
sem madrigal
sem violão
sem modos para me apoiar

a nóia já não cola
mesmo se você dançasse
aquela valsa, parece que caduca
uma certa lírica
um certo fóssil, difícil de fender
alguma coisa hoje

o meu pensamento andará por onde você fica
estática

azul

parada na pose preparada

na maré

desaguará conforme a altura da Lua

azul marinho

azul escuro

não andará por dentro

mas bem mais embaixo do que você pensa

por onde andará meu pensamento

seria ao longe,
aleatório?

por que não foi escolha,
páreo?

porto para por um par,
princípio de tudo?

de tudo o quê?
manobra?

quem há de saber?
mas qual?

para Marcelo Sabea

faria jus?

só se visse sua boca

uma boca de jura?

de jura

cheia de dentes

faria como Judas:

– um beijo

– um conto enviado por e-mail

– uma passagem de ida para ver o tu-iu-iu

lembranças de Campo Grande – Mato Grosso do Sul nº1

desculpe se insisto nisso...

em sua boca

seus dentes na memória

feito Berenice

só se fico louco

lembranças de Campo Grande – Mato Grosso do Sul nº2

o que te espera no Brasil, além da chuva?

a cuca

a onça

um saci?

os crocodilos?

a modinha da Bachiana número um
para orquestra de violoncelo...

uma mocinha miúda que anda de motocicleta

lembranças de Campo Grande – Mato Grosso do Sul nº3

1.

a mim agrada fumar
me agrada erva
fumaça
um pouco de Paco
de palma
de Camarón gritando marijuana

2.

certo dia me disse um amigo flautista
cantor
falava das doze notas da música dodecafônica
das músicas de Lutero e de Bach
falou do flamenco
disse que antes o homem não dançava
que cantava parado
as mãos nos bolsos do colete
que as moças dançavam descalças

3.

Renata te conta de onde tira tudo?
concisa, te mostra como se divide
o ritmo? como diverge com Renata?
como se diverte ela quando tira
ritmo de tudo tudo tudo tudo?

4.

algumas de flamenco?
no mínimo uma bailarina

lá pelas seis horas da manhã
ao som dos galos
cigarra de Fá a Fá

5.

pensa na palavra flama,
plasma, pensa qual será
o estado da matéria em chamas
no poema que você
coloca logo de cara

6.

pala – imagino as pernas, caso você dance
bala – me remete verde, cinza, tiro em sua direção
mala – meu crime, onde posso te guardar, como nos retratos
fala – espaço para imaginar a voz, fonte de tudo
vala – uma nota nova do latim vulgar

Renata e o flamenco nº1

um apelo ao inorgânico
ou abuso da pedagogia da perversão?
educar os estímulos...
leitura do sexo...
o corpo leviano entrando no corpo da mulher amada,
um conhecimento por inteiro,
no diário de sua inocência,
um cotidiano atroz.
a diversidade das escolhas;
todavia, da minha morada,
a gaia ciência –
às vezes, imitamos o pior.
o próprio saber leviano...
então pergunto, por que não?
um canto choro,
chão, para você dançar,
parar o trânsito de um estado a outro.

Renata e o flamenconº 2

chego em Brasília
da sacada do hotel consigo ver os prédios do Congresso Nacional
me lembro do 11 de setembro e do meu teco-teco
tanque que aponto em direção ao poder

(...)

um apito para o índio bruto!

fumo... marola... diante da lagoa...

... ainda estou na sacada

resta a cama para adormecer à tarde

(...)

é noite, desço
– escolho o prelúdio nº 1
para violão, de Villa-Lobos –
trilha que seleciono

aqui em baixo tudo é Pasárgada

há uma puta em cada esquina

aquela que admiro mais

(...)

épica

virei o rosto para ver e confirmar

ei-la

escolhida a dedo

óbvia

mostrava o ventre quando voltei

(...)

o cabelo enrolado

miragem da justiça cega

cegonha, magra,

o pescoço branco e claro

justa

curva vezes curva

o vazio quando se insinua calmamente

(...)

cavalheiro
teria sido fácil
para ela, que estava tão difícil
– vista a oferta –
exótica
só para poucos

impressões de Brasília n° 1

(prelúdio)

olhar para a plateia e a pesca; a isca?
ninguém imagina
o que cada um procura?
a mesa estabelece a cena, cenário bom de achar...
um congresso gruta – algumas...
a mesma que me delicia,
ainda há pouco, quando estava ali – mais perto,
porém mais torto,
mais de acordo com ela.
mais simples, enquanto os outros
falam, invoco alguma
sobra acesa nos miolos;
justo ela, agora, tão
sestrosa, tinha de co-
locar os pés descalços p-
or cima dos encostos v-
agos das cadeiras da
frente. fila? daí em diante
só me lembro disso, só
dela... bem menos... dos pés.
estabilizar a dança...
pertença à moça que assiste.

(fuga)

quem há de dizer? parece
dançando, como Isadora,
que com a imagem das aves
inteira se identifica.

todos os gestos da ave,
os dedos, penas, as unhas,
rentes, a linha dá forma
às asas, quando se abrem.

gestos das folhas, dos voos,
do voo dança da moça
distráida; saberia
ela... como saberia?

faz a dança sem saber
que dança – o movimento
dança vem de mim. alcance?
aquele que atiro a ela.

e dela? nada? apenas
pose para descansar?
então por que? porque sim,
porque precisa da causa...

fera na minha memória.

impressões de Brasília n° 2

III

o monoglota
o monolítico
o mono motor para fazer a volta

o monocórdio
para atormentar
o mono modulado
o rádio
a frequência limitada do miocárdio
na hora de tamborilar os dedos na
caixinha de fósforo

fosfato?
foi-se na marola
na monomania do macaco
na pia
no vaso
no jardim onde descansa uma monocotiledônea

*o monoglota
para Luís Venegas*

alguém pronuncia a palavra *nu*.
um observador superficial
será tentado a ver nela o objeto linguístico concreto
um exame mais atento levará a encontrar
uma após outra,
três ou quatro coisas perfeitamente diferentes:
considere a palavra como som,
como expressão da ideia,
como no latim, *nudum*,
é o ponto de vista que cria o objeto;
de antemão
uma das maneiras de considerar o fato.

Ferdinand de Saussure poeta n° 1

o papel da língua frente ao pensamento
entre o pensar e o som
uma união conduz a delimitar unidades.
o pensamento,
caótico por natureza,
é forçado a ser preciso ao se decompor.
nem materialização dele,
nem espiritualização do som,
mas o fato, de certo modo misterioso,
do pensamento-som implicar divisões,
da língua elaborar suas unidades
entre essas duas massas sem forma.

Ferdinand de Saussure poeta nº 2

o ar em contato com a capa de água,
a superfície da água se decompõe
numa série de divisões
de vagas
são essas ondulações
esse acoplamento do pensamento
com a matéria fônica

Ferdinand de Saussure poeta n° 3

cuco? ainda agora admirava
a torre, recorte de uma medida
de tempo, temperatura propícia
para começar. alvo?
defina imaginação ativa...
pensava numa praça, era noite,
o galo era memória de antes.

III

por que a filha da traficante é tão proibida?
sei que ela é fina
branquinha feito cera
e a velha velará por ela na entrada.
tão generosa
facilitará o acesso, o ponto, a dose
significa o ingresso.
enquanto o prêmio dorme
será poste
atalaia;
na frente lembra a bela –
o paradoxo é olhar a velha
e viajar...

ju de junho-julho
que pode dizer
a porta dos deuses entreaberta
no banquete corresponde à hora da comédia
agora me remete ao ah!
sua surpresa
momento adequado para lembrar
dos versos que te fiz

ju de gelosia
harmonizada no i
quem diria, saberia como nenhuma
delas quando digo
nada me faltará
como no salmo
deixa a luz entrar, mas vaga
o suficiente para confundir
e continuar
que pode dizer ciúme
janela que você não mostra

ju de Jerusalén

a noite do deserto não é mais bela que os teus cabelos
a Lua nada é, diante da sua boca
– meia Lua pronta para refletir
deitada como a barca, nave
estátua de dimensão imensa
espalhada na Ilha de Páscoa –
nenhuma ilha te retrata tão bem
nenhuma justiça te faz o céu

ju de jujuba

jujuba está no dicionário e quer dizer um tipo de planta
vistosa, por isso a ramagem que saía do seu seio
leite para as primeiras horas da manhã
coragem
pois também significa goma, grude
gosto bom de fruta fabricada
e açúcar

ju de Júpiter
só me falta chover
ser cisne, águia
forasteiro aí, em sua cidade
jumento para carregar Jesus
coitado para imaginar:

ju
de juta
corda? para te amarrar?
mas isso quer dizer fibra
até seria citação de alguma coisa gótica, pode
ser martírio para te agredir
uma bruxa que arde com urgência

lembranças de Campo Grande – Mato Grosso do Sul nº 4
(inspirado no poema “ao redor do qual”, de Juan Gelman)

um moço me falava de sua musa via e-mail

Isadora

– quem me lê é óbvio

aquilo que Isadora evoca –

mas o que Isadora de verdade tem é uma amiga

dela te direi que é pérola

sob seu casaco ostra

sol amarelo ouro

mesmo no amarelado rosto

mira o que ela tem de fino nos dedos

sempre te pensava vidro
algo que se quebra facilmente
por isso muito cuidado

serena
teus olhos de vidro seriam para passear
tão singela, que não há outra palavra para te descrever

no meio da valsa, entretanto,
pois sonhei que tu estavas tão linda...
algo de bater, campana, coisas de couro

curioso
no mesmo instante já te vi vestida de vermelho
Santa Bárbara, esteja pronta quando é motivo de veneração

bem mais venérea, par, parceira de alguns momentos
íntima só de brincadeira
pergunto se sua saia levanta enquanto você gira

feito dervixe?
nunca,
a nuca se insinua nua nos cabelos

Iansã, que desce nos terreiros, a porção
de terra que faltava, para
você entrar descalça, e o vento

a pomba gira trabalha lá na padaria
a cabra por trás do dinheiro do caixa
por isso que o vigia é trouxa
merece morrer

mil molas miúdas desencaracolam
queria ser seda para me enrolar nos seus cabelos
duros de alcançar
a algazarra durante a primeira ceia da manhã
festa quase santa de pão, manteiga, café
expresso sem açúcar
maneira de sacrificar o paladar em sua honra
em sua cor
em sua fineza corriqueira de mocinha
educada para ser gentil
certeira
Marte diante do Sol

fazer com Vera Lúcia um romance
– peço a Santa Luzia que permita ver
o que estou fazendo

então por quê?
porque não entendo bem o então
vai ver enxergo nela algo que me agrada

alguma coisa além do cão
do cachorro que passava ali, depois de um ano
quase um livro para Vera ler e evitar

observo assim as nebulosas
a poeira não mais do acúmulo dos anos
o universo repleto de poeira cósmica e de ondas
ondas ondas de rádio

verifico a mesma moça
então sua canela afina, qual os ombros dados no decote
alguma coisa difusa que passa pela sua cabeça

será que fuma? qual a droga de Vera para me ver?
chego meio cansado
nada de trago, nem de meio do caminho,
essa falácia que broxa

Vera de mote?

você sabia onde estava montando quando me acenou
como se espantasse a mosca?

a mosca dúvida, começo de tudo?

longe disso, me refiro à mosca da cabeça branca
aquela que não é um animal político
apenas está pronta para se fundir ao teu DNA
te deixa forte, mas fode com tua aparência

Vera de monte?

escuta o zurrar do burro, o pinote, o coice
como se fosse furacão ou sobra?

agora é sabre, ferrão, até o burro te derruba
você nem faz ideia, Vera,
das coisas para te pegar
das moscas para te picar
das dúvidas

musas amiúde
ao longo posso imaginar as portas dos Jardins de Hades
oásis
título interessante para uma peça de piano

mas é claro
que eles se insinuam como paisagem
disso eu sei
basta estar diante dos quadros
do quarto
diante das dicas penduradas no teto
dispersas por aí
bem antes de eu chegar no mundo

tão militante
tanque, trator
pode te parar na entrada do museu da Revolução
em Havana, Cuba
não tira da cabeça a mocinha descalça
desde Varadero

talvez signifique minha luz
aquela que carrego desde que cáí e que me deixa coxo
harpia presa no viveiro
passeio com você de braços dados no jardim zoológico
não sabe como cabe tanto mato dentro do rinoceronte

para Ana Cristina Joaquim

Ur

fosse urro

único apelo que ecoa

escuta o ruído quase mudo

não fosse fluxo

foz

rosa que me orienta

ajuda que não se recusa com facilidade

observa a Lua quando desvia a luz que veio do espaço

a cor cai do céu como se fosse chuva

onda difícil de verificar

mato

aquela que me delicia

preciso mesmo disso tudo para me entusiasmar

para Ana Cristina Joaquim

musas amiúde?
pensa numa praça
e numa leitura surrealista do Marquês de Sade
eu acho que você não se decide
se a linguagem é reflexo disso tudo
ou é a fonte do desenvolvimento dessas coisas
que passam por aqui
para te capturar, como se fosse rede
estrutura para te definir.

para Ana Cristina Joaquim



**A musa *piétonnière* de Antonio Vicente
Seraphim Pietroforte**

Horácio Costa

As musas jamais são pedestres, no sentido duplo da palavra em português. Musas flutuam ou recostam-se no limbo, no sem-espço mítico. E mais ainda aquelas musas domesticadas que os diferentes classicismos engendraram, para o conforto de poetas, em seu pacto com leitores não menos domesticados. As tágides que Camões invoca n’*Os Lusíadas*, de proclividade natatória, já representam uma considerável inovação nesse arquétipo. E se Pessoa/Reis regressa a ele para desconstruir o espírito aguerrido, iconoclasta da vanguarda, pois, a mesma Lídia reisiana, cuja origem literária encontra-se, não é demais lembrá-lo, nas odes do maior criador de musas e suas circunstâncias do mundo clássico, o romano Horácio, dá azo à subversão de Saramago em “O Ano da Morte de Ricardo Reis”. Nesse romance, Lídia transforma-se na analfabeta e humaníssima arrumadeira de um hotel decadente da Baixa lisboeta, que se prende de amores pelo médico abúlico recém chegado do Brasil, e que nele se hospeda. Há, assim, um descenso das musas de suas regiões empíreas de origem para o trânsito no dia-a-dia, no contexto da literatura atual.

Outro não é o sentido da relação de Antônio Vicente Pietroforte com a sua musa não simplesmente pedestre – por que ela, Marília ou como se chame, revela-se hábil em entender e satisfazer as suas demandas mais agudas e transgressoras da sexualidade burguesa predominante –, mas sim *piétonnière*, já que de fato *pisa* (i.e., imprime o seu rasto inefável de musa, transformando a paisagem por seu próprio pisar) o solo urbano. Nesses poemas ambientados em nossa desmesurada urbe, São Paulo transforma-se assim no cenário de um pisar rasteiro e sublime a um só tempo, delicado e vulgar, sujo e – no rasto de Sade – indutor de um sentido sexual refinado e não exangue: fortíssimo. Essa “musa que pisa” conduz o poeta ao centro desse sentido, que lhe nomeia e é o lugar de origem dos poemas que lemos.

No teatro do amor sádico, joga com o dominá-la o poeta. Melhor para o leitor, que nessa ilusão redescobre o velho tema elusivo da origem da poesia, o seu distinto perfume imemorial e, de fato, inenarrável, irreduzível a teorizações, figurações, acertos, e que desde o mundo clássico encontrou no arquétipo da musa uma perfeita ilustração.

São Paulo, 23 de setembro de 2007

Um poeta serafim

Michel Sleiman

Certos nomes vêm carregados de sons e significados. Antonio Vicente Seraphim Pietroforte é um nome forte, alado, vitorioso, combativo e nomeia, aqui penso eu, um poeta que é dado a serafinices que ele faz descer de um céu abrasivo. Áscua na sensibilidade de quem é pouco afeito aos nomes do corpo, essa poesia dispõe o pinto ou o caralho e a sonora boceta num cenário de reencontros sensacional. Dizem os Livros que originalmente o ser era macho-e-fêmea, um só no amor, mas depois... A história é bem conhecida, mas tem um poeta libanês, o Ounsi El Hage, que deu a seguinte versão, que eu prefiro à tal da queda pela maçã: o macho queria sozinho ser o todo e não ter mais por metade a fêmea que ele julgou frágil. O resto da história é previsível: ele passa a homem e ela, a mulher, num terreno da existência que é todo transitoriedade, para não dizer finito, e cheio de cenas que a poesia de Antonio Vicente descreve *comme il faut* neste que é um livro de livros, cujo título repisa o signo da “fuga”. Sabemos, não? Na fuga se cresce, se aprende e se ensina. Em cada um dos seis livros que formam *O retrato do artista enquanto foge* bate uma das seis asas de fogo do poeta-serafim.

Há sempre uma mulher que te abre/ o Céu como se abrisse as pernas. Gosto muito de ler, e não canso de me repetir, este verso que está logo no começo do livro, anunciando o que está por vir. Acerto em cheio é a inversão da expectativa comum de quando se diz, à guisa de referir as benesses da mulher: que as delícias dela são tão sublimes que conduzem o homem ao céu... Não nego certa poesia no já bem trilhado caminho rumo ao sublime. Mas outra coisa é o que diz Antonio Vicente: que é sublime antever na mulher o dom de conduzir o homem ao Céu tanto quanto pode ser sublime nela o abrir (e o fechar) as pernas, por uma ou outra razão!

Afirmção, ratificação do masculino, vejo nesta poesia uma ação da escrita que requer a mesma tenacidade de sua *ars amatoria*. Ambas exigem de poeta e amante conhecer o amor, lançar a sedução e dar a investida final. Mas ao invés do jogo de palavras, que pode se tornar vã, ou do jogo esvaziado do sexo entre os sexos, a poesia toma o atalho. O sem-limite do desejo é preterido por uns limites precisos no contorno do corpo. Será por isso preferível o “cuzinho com creme branco lácteo” à “rosquinha que tem por dentro marshmallow”? E na concretude da escrita “como seria um poeta concreto/ trepando debaixo da chuva?/ ele permanece seco/ e você se molha?”.

Gosto ainda de lembrar este verso, que avisa:
“até no fedor o livro ensina”. Então, meninos e
meninas, abri vossas narinas, deixai entrar a poesia!

São Paulo, 26 de maio de 2013

)Entre parênteses(

Moacir Amâncio

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte sintoniza o seu tempo e dirige a atenção para as experiências estéticas e vivenciais da hora. É um poeta ligado. E ao mesmo tempo livre de etiquetas. Com certeza devido ao seu mote fundamental, que não é a transgressão num sentido primário, mas a transgressão que já superou o impulso meramente provocativo, torna-se nuançada e expressiva.

Se atentarmos para o aspecto experimental veremos que isso decorre tanto de um temperamento determinado quanto da consciência artístico-intelectual de um estudioso das linguagens. Seus poemas leem o momento e a história, repassam a história. Suas musas podem ter sido fisgadas dos poetas chamados inconfidentes e outros, por exemplo, trazidas para o chão paulistano e ampliando o leque semântico. Nesse sentido ele também ecoa Mário de Andrade, distante porém de qualquer ranço de nacionalismo ou bairrismo.

Sua poesia decorre das ruas, dos bares, restaurantes, esquinas, arranha-céus, casas geminadas, do bairro, do centro, da cama, dos livros e da vida, do punk, de Dante e da cinemateca. Sua erudição de pesquisador acadêmico, se isso conta, talvez esteja presente na constância do pensamento crítico que

se projeta no fazer poético apaixonado em todos os sentidos. Ele incorpora o momento concretista ao seu jeito, deixando a moda para trás, pois o que era moda tornou-se um recurso a mais à disposição de quem se habilite a usá-lo.

Os poemas e os livros podem ser lidos de maneira aleatória, mas a visão do conjunto, na ordem apresentada, permitirá com certeza acompanhar os diversos andamentos do poeta num só desconcerto. O mau gosto perde sentido. Os moralismos idem. E talvez, idem, o “excesso” erótico, a perversão, assumo o aspecto de um detalhe iluminador e fundamental – uma coisa não funciona sem a outra.

Sade, citado direta e indiretamente algumas vezes, sempre assusta. Falta abrir os olhos para o elemento infantil da perversão sadiana, a assumida responsabilidade de chutar sistematicamente o pau da barraca, lançando-se no jogo arriscado da libertinagem. A brincadeira cai no mecânico da monotonia e se esvazia – incapaz de trazer uma redenção profana até porque o profano deixou de existir, assim como o sagrado. E talvez Sade não quisesse dizer outra coisa, reduzindo a experiência humana ao corpo de cada um, único e insubstituível, onde tudo começa e acaba. Uma brincadeira.

Não pretendo sugerir que Vicente seja um autor sadiano, apenas que Sade marca presença em vários dos seus poemas, integrando o ludismo, di-

gamos, natural do poeta: no verso, na história da literatura, na semiologia, nos temas recorrentes de Eros à temática literária da droga e à religião das entidades católicas, umbandistas, bíblicas, sem opção por nenhuma delas, já esfumadas no rolar dos tempos.

Cada volume do conjunto pode ser lido sozinho e se isso for feito sem reservas inibitórias, o leitor da ocasião chegará com certeza a pontos convergentes com os outros livros incluídos no volume, à espera de outros que virão, ou não. Só para lembrar, não existe obra acabada, mesmo quando o autor tenha desistido de escrever ou parado por qualquer outro motivo. A morte, também tão presente nos poemas de Vicente, como um contra reflexo, não coloca um ponto final e pronto.

Os parênteses abertos usados pelo poeta são a própria vertigem – entre eles está o mergulho no eterno presente poético –. Fuga? Desfecho?

São Paulo, 24 de maio de 2013

índice

005. *considerações pré-faciais – E.M. de Melo e Castro*

027. *o retrato do artista enquanto foge (2007)*

029. livro aberto

030. o que te apetece, Balzac?

031. permita que te amarre as pernas, Eva

032. ana rra dor ana entrada da Alcova

033. é o prazer do chocolate

034. está parado em frente ao Elevado

035. atravessa o inferno a procurar por ela

036. asfalto ao meio dia cinza

037. Mafu visita a Liberdade

038. as curvas do decote

039. renuncia a teu reino agora

040. Bin Laden atravessa São Paulo

041. um namoro sob o planetário

042. um hino para Medusa

043. conhecer a flor

044. um grupo um

045. semper ipsa quando alia

046. América L

047. primeiro salmo para Marília

048. segundo salmo para Marília

049. terceiro salmo para Marília

- 050. de tanto esconder 50 gramas na calcinha
- 051. maconha, chá de erva doce
- 052. o brilho da água se recorta no voo do inseto
- 053. Marília exibicionista
- 054. μέλος
- 055. uma flor
- 056. Marília em feição
- 057. um anal para Marília
- 058. Marília masoquista
- 059. Marília por cima
- 060. outro anal para Marília
- 061. Marília quando se corta
- 062. Marília chicoteada
- 063. spanking Marília
- 064. um renga para Marília
- 065. há-sha-mý-im meh-as-peh-rim ka-vóhd Káil
- 066. ninguém repara, amada
- 067. toda saga de família é falsa
- 068. um retrato do artista enquanto foge
- 069. livro aberto

071. *palavra quase muro (2008)*

- 073. *aparato estranho*
- 075. delinquir
- 076. chupa meu pau Sulamita
- 077. a mulher e sua gaiola

078. a noite dava com mil luas.
080. pense no aparato estranho para dar um trato
081. te agrada a probabilidade, Nice,
084. todo dia a mesma tarde
085. letra K
086. panorama da janela acima
087. ela quando se corta
088. a namorada atenta na ideia fixa
089. um ósculo obtuso
090. um beijo viscoso
091. vamos contar os dias, Contador
092. a ira, Deusa, celebra do movimento tenso

093. *poligonia do soneto*
095. poligonia do soneto I
096. poligonia do soneto II
097. poligonia do soneto III
098. poligonia do soneto VI
099. poligonia do soneto V
100. poligonia do soneto VI
101. poligonia do soneto VII
102. poligonia do soneto VIII
103. poligonia do soneto IX

105. *novena*
107. varna
108. irmão Fogo
109. irmã Lama

- 110. não sou afeito à poesia extática
- 111. como fica, Cristo,
- 112. irmão Noite
- 113. irmã Erva
- 114. irmã Água
- 115. irmã Cinza

117. ***concretos & delirantes (2008)***

- 119. *concretos*
- 121. a flor
- 122. incolores ideias verdes dormem
- 123. uiva depende do ponto de vista
- 124. um sorriso para Saussure
- 125. Mobile/Stabile
- 126. o homem de Wolfsburg
- 127. um cacto
- 128. basta ser seco
- 129. no jardim de pedra
- 130. ei-la
- 131. marília insiste em ser digital
- 132. fon fon
- 133. fragmentada pelo fetichismo
- 134. a formosura se parece
- 135. passoumpassarinhoazul

137. *delirantes*
139. a flor, celebra a deusa de todas as plantas
140. nacionalista I
141. nacionalista II
142. nacionalista III
144. nacionalista IV
145. o banho turco
146. clube do Pico
148. militância (poema estudantil)
149. hei, homem!
150. desaparece no melhor da pose
151. um madrigal estranho na cidade
152. 3 fatorial !
156. cantiga de Marília na Bienal
157. um fetiche
158. São Paulo, luz do Sol cora

159. ***os tempos da diligência (2009)***

165. a tentação de Antonio
166. um lance de três lugares
167. senhor invocação
167. a decrepitude das Letras
169. a musa crucificada
170. vinheta da saudade
171. de vento em polpa
172. o abismo

173. ministério da fumaça
174. as condições do ocaso
175. história em quadrinhos
176. jardim dos ácaros
177. segregativa
178. apocalipse no escuro entre duas amigas
179. cantiga de amigo
180. a independência da memória
181. Shiva?
182. entre a primeira e o pranto
183. agora
184. azul
185. quadrilha
186. sweet sorrow
187. antologia SM
188. jardim botânico
189. coleção
190. difícil
191. fome de foda-se
192. nos tempos da diligência
193. Veneza
194. Flora
195. vésper
196. pscio...
197. jardim noturno
198. raga
199. marítimo
200. ex-namorada ex nihilo

- 201. sábado
- 202. vozes fêmeas
- 203. Naná
- 204. o gosto do conto
- 205. zen
- 206. flor
- 207. fotografia
- 208. fábula do porte
- 209. cubo
- 210. sexta
- 211. nítido
- 212. desenho
- 213. carpa
- 214. trator

215. ***o livro das músicas (2010)***

- 217. *o livro das músicas*
- 219. estocástica
- 220. regência I
- 221. regência II
- 222. ária I
- 223. minimalista
- 224. ária II
- 225. fuga I – os jogadores de cartas
- 226. ária III
- 227. flauta doce

228. vibrafone I
229. vibrafone II
230. vibrafone III
231. flauta transversal
232. cantada I
233. cantada II
234. cantada III
235. batucada para atabaques-baques
236. cantiga de amigo I
237. cantiga de amigo II
238. logopeia
239. *calendário SM*
242. nem só a idade da boca
243. ante a cumeeira
244. moça, porque você não para
245. nunca
246. pelo menos isso
247. poema em prosa existe?
248. escrita nas ondas
249. deixa eu te explicar
250. emana da memória?
251. o sono é irmão da morte...
252. primeiro cora
253. quem dedicaria uma oferenda verbal assim?
255. *a construção do vermelho*
263. *uma nênia para Geli*

269. *a pureza da pauta (2012)*

271. *I*

273. anjo no nome, Angélica na cara...

274. o meu pensamento andará por onde você fica

275. seria ao longe

276. lembranças de Campo Grande – MS nº1

277. lembranças de Campo Grande – MS nº2

278. lembranças de Campo Grande – MS nº3

279. Renata e o flamenco nº1

282. Renata e o flamenco nº2

283. impressões de Brasília nº 1

287. impressões de Brasília nº 2

291. *II*

293. o monoglota

294. Ferdinand de Saussure poeta nº 1

295. Ferdinand de Saussure poeta nº 2

296. Ferdinand de Saussure poeta nº 3

297. cuco? ainda agora admirava

299. *III*

301. por que a filha da traficante é tão proibida?

302. lembranças de Campo Grande – MS nº4

305. um moço me falava de sua musa via e-mail

306. sempre te pensava vidro

307. a pomba gira trabalha lá na padaria

308. fazer com Vera Lúcia um romance

309. Vera de mote?
310. musas amiúde
311. Ur
312. musas amiúde?

315. *A musa pietonnière – Horácio Costa*
317. *Um poeta serafim – Michel Sleiman*
320. *)Entre parênteses(– Moacir Amâncio*

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte é formado em Português e Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; fez o mestrado, doutorado e livre-docência na mesma Faculdade, onde leciona desde de 2002 no Departamento de Linguística; atua nos cursos de graduação em Letras e no curso de pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral.

Na área acadêmica, é autor de:

Semiótica visual – os percursos do olhar;

Análise do texto visual – a construção da imagem;

Tópicos de semiótica – modelos teóricos e aplicações;

Análise textual da história em quadrinhos – uma abordagem semiótica da obra de Luiz Gê;

Enunciação e tensividade – a semiótica na batida do samba;

O discurso da poesia concreta – uma abordagem semiótica.

Na área literária, é autor de:

Amsterdã SM (romance);

O retrato do artista enquanto foge (poesias);

Papéis convulsos (contos);

Palavra quase muro (poesias);

Concretos e delirantes (poesias);

Irmão Noite, irmã Lua (romance);

M(ai)S – antologia SadoMasoquista da literatura brasileira (prosa e poesia), organizada em parceria com o escritor Glauco Mattoso;

Fomes de formas (poesias), composta em parceria com os poetas Paulo Scott, Marcelo Montenegro, Delmo Montenegro, Marcelo Sahea, Thiago Ponde de Moraes, Luís Venegas, Caco Pontes;

A musa chapada (poesias), composta em parceria com o escritor Ademir Assunção e o artista plástico Carlos Carah;

Os tempos da diligência (poesias);

Mentabalos (história em quadrinhos), composta em parceria com o artista plástico Jozz;

O livro das músicas (poesias);

Sara sob céu escuro (romance);

Aos pés das letras – antologia podólatra da literatura brasileira (prosa e poesia), organizada em parceria com o escritor Glauco Mattoso.